

NOVA VISÃO DOS ORGANISMOS VIVOS E O EQUILÍBRIO PELA HOMEOPATIA

De acordo com "O Organon" de Samuel Hahnemann

**Parte do "Curso de Homeopatia" (Extensão Universitária)
realizado em comunidades rurais e promovido pela UFV.**

**Projeto de Extensão: "Divulgação das Plantas Medicinais e da
Homeopatia"/UFV/Depto de Fitotecnia .**

Programa: "Homeopatia Planta Vida"/UFV/Depto de Fitotecnia.

Viçosa
2005

NOVA VISÃO DOS ORGANISMOS VIVOS E O EQUILÍBRIO PELA HOMEOPATIA

Arte da Capa: Suzana Patricia Lisboa

Maria do Carmo Cupertino

Projeto Gráfico: Suzana Patricia Lisboa

Distribuição dos Exemplares: V. W. D. Casali / Fitotecnia-UFV

Viçosa-MG – 36570-000

Fone: (31) 3899-2613

Fax: (31) 3899-2614

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

N935 2005	Nova visão dos organismos vivos e o equilíbrio pela homeopatia / Suzana Patricia Lisboa...[et al.]. – Viçosa, MG ; 2005. 103p. ; 24cm. De acordo com “O Organon” de Samuel Hahnemann. Inclui bibliografia e índice. 1. Homeopatia. I. Lisboa, Suzana Patricia. II. Cupertino, Maria do Carmo. III. Arruda, Viviane Modesto. IV. Casali, Vicente Wagner Dias. CDD 20.ed. 615.532
--------------	--

BIOGRAFIA DOS AUTORES

SUZANA PATRICIA LISBOA

Engenheira Agrônoma, 2003, UFV. Homeopata. Membro do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais” – DFT/UFV desde 1997.

MARIA DO CARMO CUPERTINO

Engenheira Agrônoma, 2004, UFV. Homeopata. Professora de Curso de Extensão em Homeopatia Promovidos pela UFV.

VIVIANE MODESTO ARRUDA

Engenheira Agrônoma, 2001, UFV; M.S. Fitotecnia, 2004, UFV. Membro do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais” – DFT/UFV no período de 1996 a 2003.

VICENTE WAGNER DIAS CASALI

Engenheiro Agrônomo, 1966, UFRRJ; M.S. Fitotecnia, 1970, UFV; Ph. D. Genética e Melhoramento, 1973, Purdue University – EUA; Professor da UFV desde 1968. Membro do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais” – DFT/UFV desde 1989. Professor das disciplinas: Homeopatia (graduação) e Homeopatia na Agricultura (Pós-Graduação).

APRESENTAÇÃO

A única missão do (a) homeopata é restaurar a saúde do Organismo desequilibrado.

É de vital importância o estudo do “O Organon” visando o entendimento da Ciência da Homeopatia. Com o intuito de auxiliar na compreensão desta importante obra - Organon, foi desenvolvido este trabalho visando dar suporte aos alunos do curso de homeopatia do projeto de extensão “Divulgação das Plantas Medicinais e da Homeopatia”, realizado em comunidades rurais e promovido pela Universidade Federal de Viçosa/Departamento de Fitotecnia.

O programa de extensão “Divulgação das plantas medicinais, da homeopatia e da produção de alimentos orgânicos” do qual o projeto faz parte, atinge também outras pessoas. Esta publicação é útil no aprendizado de homeopatia de todas as pessoas interessadas.

A interpretação dos organismos vivos por meio da visão expressa no Organon possibilita os (as) homeopatas entenderem os processos de adoecimento e reequilíbrio da água, do solo, das plantas, dos animais e dos humanos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, presente em todos os momentos.

À Hahnemann, pela valiosa Ciência da Homeopatia.

Aos agricultores, pela sabedoria e simplicidade.

Aos alunos do curso de homeopatia, pela confiança dedicada.

À Universidade Federal de Viçosa e Depto. de Fitotecnia, pelo apoio.

À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura/UFV, pelo incentivo.

Aos familiares, pelo amor.

Aos amigos, pela força e confiança.

SUMÁRIO

PARTE 1

PÁGINA

As Leis Naturais de Equilíbrio	
Supressão de Sintomas	
O Desequilíbrio dos Sistemas Vivos	
Leis que Regem o Equilíbrio dos Organismos Vivos	
Homeopatia e Equilíbrio dos Organismos Vivos	
Homeopatia e Vitalidade dos Organismos Vivos	
Homeopatia, Organismos e Segurança Alimentar	
Força Vital e Energia Vital	
O Organon e os Sistemas Vivos da Natureza	

PARTE 2

O Organon da Arte de Curar com Homeopatia	
Bibliografia Consultada	

ÍNDICE

AS LEIS NATURAIS DE EQUILÍBRIO

As leis de equilíbrio dos organismos vivos pela homeopatia foram propostas por Constantin Hering tendo como base o que foi estabelecido por Hahnemann no Organon. Hering (EIZAYAGA, 1992) observou os mecanismos adotados pela natureza nos seres humanos:

a) quando desenvolvem a doença. b) quando se curam, seja espontaneamente, seja pela ação de medicamentos homeopáticos.

Os princípios intuídos, racionalizados e descritos por Hering, dentro da nova visão dos organismos vivos contrapõem a visão convencional, são seguros, claros, inteligíveis. Os princípios ou leis de Hering permitem o (a) homeopata conhecer e interpretar os fenômenos fisiopatológicos que acontecem nos sistemas vivos adoecidos. Estes princípios possibilitam entender os caminhos seguidos pelo organismo vivo evitando-se erros terapêuticos. Possibilitam também interpretar se o organismo adoecido (desequilibrado) está desenvolvendo a cura (reequilíbrio) ou não.

A ciência convencional se fechou dentro da visão dos contrários e os alopatas (enantiopatas) resistem no perceber o organismo vivo como holograma^{1/} universal. Este comportamento se deve principalmente à concepção dos organismos como máquinas com suas partes especializadas. O ser humano, conforme os alopatas, é mecânico, é matéria, é órgãos. Cada alopata busca entender os órgãos, as partes, sem considerar o todo e a essência do organismo. Nos animais de produção o Médico Veterinário e o zootecnista convencionais enxergam também nesse prisma. Do mesmo modo o Engenheiro Agrônomo enxerga as plantas, o solo, os animais, os agroecossistemas.

^{1/} Holograma

As partes e os processos (ações) refletem o todo. As partes são semelhantes/analógicas ao todo. Entre o todo e as partes há repetição de padrões ou critérios de modo que as partes se assemelhem ao todo. Exemplos: a forma do átomo e respectivo movimento é semelhante ao sistema solar, a forma da célula é similar ao universo conhecido. Esse conceito de holograma tem sido adotado nos textos recentes e não é idêntico ao conceito da física nem ao que consta do dicionário “Novo Aurélio”.

Todas as doenças diminuem a intensidade, e são curadas por ação do interior ou essência do sistema vivo responsável pela auto-regulação do organismo denominado de força vital ou princípio vital. O ser humano se liberta da doença (desequilíbrio) do mesmo modo que os animais e as plantas, ou seja, lentamente a doença se encaminha na direção dos tecidos externos até atingir a pele, a casca ou a cutícula (VITHOULKAS, 1980).

Portanto a cura completa da doença espalhada no organismo é indicada pela cura ocorrida primeiramente nos órgãos mais importantes, de acordo com Hering (EIZAYAGA, 1992).

Hahnemann concluiu que a cura implica na melhoria do estado mental psíquico do ser humano que passa a expressar o bem estar, o equilíbrio, o contentamento, e a paz. O indivíduo revela o estado de cura quando melhora os sintomas de cima para baixo e de dentro para fora (MORENO, 2002 a).

Na visão do homeopata o equilíbrio dos organismos vivos depende dos fenômenos vitais terem sentido centrífugo^{2/} (holograma ao universo) e exonerativo. Havendo supressão dos fenômenos vitais a doença muda de rumo tornando-se centrípeta^{3/} e agrava o estado do organismo vivo (animais, solo, plantas, hominiais) alojando-se nos órgãos de maior hierarquia.

Na cura os sintomas das doenças desaparecem na mesma ordem que surgiram. E o aparecimento de sintomas antigos é sinal de cura, de acordo com Hering (EIZAYAGA, 1992).

^{2/} Centrífugo

O movimento centrífugo ou sentido centrífugo se caracteriza por afastar de algum centro. O objeto ou força se desloca/desvia do centro de modo tal que não retorne ao mesmo centro. X →

^{3/} Centrípeta

O movimento centrípeta ou sentido centrípeta, ao contrário do centrífugo, se caracteriza pelo deslocamento rumo ao centro. X ←

Quanto ao indicativo de cura, Hering (EIZAYAGA, 1992) se refere à ordem pela qual desaparecem os sintomas das doenças, ou seja, de dentro para fora e dos órgãos mais importantes aos menos importantes.

Kent se refere às sucessivas doenças do organismo durante a vida, ou seja, as doenças são curadas na ordem inversa do respectivo aparecimento. Os sintomas suprimidos recentemente serão os primeiros a reaparecerem e em seguida desaparecem. Hering intuiu e Kent completou o raciocínio.

SUPRESSÃO DE SINTOMAS

Suprimir é fazer desaparecer no sentido inverso da cura e no sentido inverso das leis de Hering. A supressão na homeopatia é inclusive denominada “supressão mórbida” e significa inibição, significa desaparecer sem eliminar, significa que o sinal se ausenta mas a doença continua instalada. Vários procedimentos causam supressão de sintomas com destaque alguns métodos supostamente terapêuticos do modelo convencional de tratamento, de acordo com EIZAYAGA (1992) quais sejam.

a) Tratamento com medicamentos alopáticos

As drogas da alopatia são obtidas dos minerais, dos animais e dos vegetais além dos processos industriais de síntese. Também na alopatia estão os medicamentos obtidos em laboratório industrial microbiológico: os antibióticos. São aplicados em doses repetidas, agindo em função da massa e pela lei dos contrários.

Na área do conhecimento denominada “Hormesis”, Arndt-Schultz propôs que: “as doses (massa) baixas estimulam as atividades vitais, as doses moderadas aumentam as atividades vitais, as doses altas inibem/anulam as

atividades vitais. As doses aqui são de matéria. O que seja dose baixa ou alta depende de cada droga.

O uso dos medicamentos conhecidos atualmente como alopáticos tem como princípio “o provocar sintomas contrários aos sintomas que se pretende combater”. Contra a dor – o analgésico, contra o espasmo – o antiespasmódico, contra a infecção – o antibiótico. Ou seja, o medicamento alopático atua sobre os efeitos das doenças e não sobre as causas. Atuam contra os sinais da doença (que são os sintomas ou exonerações). Essa atuação do medicamento alopático é oposta às leis de cura provocando o movimento inverso da natureza. Portanto os alopatas agem contra a natureza.

O que provoca esse procedimento? Conforme Hahnemann (parágrafo 59 do Organon) o sintoma (sinal) reaparece em situação pior e mais grave dentro do organismo vivo ou sistema vivo da natureza.

No organismo com vitalidade normal a ação oposta faz supressão dos sinais (causando sensação de alívio temporário) e os sintomas reaparecem com maior intensidade.

No organismo com baixa vitalidade, após o sintoma ser suprimido, surge o estado mais debilitado, mais adoecido, mais profundamente desequilibrado e mais grave que o anterior, sendo denominado pelos homeopatas “metástase mórbida” ou “complicação”. É entendido que a reação vital (que joga o mal ou desequilíbrio de dentro para fora) quando é bloqueada ou impedida de fazer a superficialização, cede espaço. Então a doença se instala de modo mais profundo atingindo órgãos/funções de maior hierarquia. É a metástase mórbida.

O tratamento de secreções, sudorese, erupções, ulcerações com aplicações tópicas (no local) de medicamentos alopáticos também causa o mesmo processo de supressão.

b) Tratamento com irradiações

Os agentes (raio X, cobalto, etc) são também supressores e afetam as exonerações finais da doença (como os tecidos neoplásicos/câncer). Não provocam sintomas contrários mas fazem supressão.

c) Tratamento cirúrgico

Nas causas mecânicas (fraturas, hemorragias, obstruções, embolias) que não acontece o processo supressivo a doença não é interiorizada. Os danos mecânicos que tem origem na fragilidade orgânica devem ter tratamento preventivo pela homeopatia pois são sinais. Entretanto a banalização da cirurgia está causando invasões nos organismos e provocando supressões. Pior ainda é privar os organismos de sua integridade provocando adoecimento mental por perdas.

d) Tratamento psiquiátrico

A repressão de traumas psíquicos causam supressão e adoecimento mais profundo.

e) Tratamentos contínuos com potências muito baixas de medicamentos homeopáticos

Quando não se leva em conta a totalidade dos sintomas ocorre inversão das leis de cura e as supressões. O critério alopático no uso de medicamentos

homeopáticos deve ser analisado pela consciência dos homeopatas lembrando que a cura é provocada pela força vital (princípio vital) ativada pelo preparado homeopático.

f) Tratamento com vacinas

A vacina é isopatia como são também os bioterápicos e nosódios (medicamentos homeopáticos). Mas vacinas não são dinamizadas por isso não acessam a força vital e portanto são supressoras. A vacinação por ser tratamento coletivo é considerada severamente supressora e grave agressão conforme os princípios da homeopatia.

O DESEQUILÍBRIO DOS SISTEMAS VIVOS

O sistema ou organismo vivo estando saudável (sadio) pratica criatividade ao superar obstáculos/transtornos/idéias que impeçam realizar seu objetivo de vida (VITHOULKAS, 1980). O dinamismo do processo é harmônico prevalecendo a auto conservação. Na saúde há reação às exterioridades e o organismo demonstra seu potencial criativo com mínimo de gasto energético ao recuperar a homeostase (equilíbrio). O ponto de vista de MORENO (2000 a) aborda a saúde pelo estado de harmonia de todos os componentes do processo vital quanto a funções/ sensações que sustentam os objetivos da existência do organismo vivo. ANDRADE (2004) complementa que a saúde implica no estado de totalidade orgânica mantido e regido pelo princípio vital que é de natureza imaterial/dinâmica como também afirmado por VITHOULKAS (1980).

Extrapolando o organismo isolado vivo VITHOULKAS (1980) confirma que as leis do universo físico/material não estão isolados das leis que regem os sistemas vivos concluindo que o organismo vivo também é totalidade interligada com o ambiente formando o conjunto no qual o organismo interfere e é interferido pelo conjunto. Nessa relação, quanto mais saudável/equilibrado esteja o organismo menor o tempo necessário para retornar, de modo natural ao equilíbrio, após alguma perturbação. Tal relação implica na existência de padrões/estados de vitalidade.

ANDRADE (2004) considera o afastamento do equilíbrio como critério do estado de adoecimento: se o equilíbrio é dinâmico o desequilíbrio ídem. Pelo dinamismo se percebe os padrões de vitalidade, quanto mais saudável maior a resistência.

Detalhando o desequilíbrio MORENO (2000 a) interpreta o Organon e define o estado de doença como a vitalidade prejudicada pela influencia dinâmica de algum agente hostil à vida. O organismo passa a ter sensações

adversas, funções irregulares que progredindo causam a perda gradativa da capacidade de auto-conservação.

Interpretando a homeopatia nos seus conceitos filosóficos e com base em extensa bibliografia ANDRADE (2004) entende que os processos de adoecimento (desequilíbrio) acontecem quando o organismo é exposto a influências nocivas, voluntariamente ou não, abusam de bebidas ou alimentos nocivos os quais minam a saúde, vivem em locais impróprios exigindo excessivos esforços de adaptação. Essas situações geram os sintomas agudos, ou seja, sintomas que desaparecem naturalmente quando as causas são retiradas (desde que outros fatores estejam favoráveis). Este adoecimento (desequilíbrio) tende a completar seu curso moderadamente em pouco tempo.

Sobre as doenças crônicas VITHOULKAS (1980) afirma que são consequência do enfraquecimento progressivo do mecanismo de defesa sendo a princípio insignificantes e até imperceptíveis mas afastam o organismo vivo do seu estado normal de equilíbrio/saúde. Na doença crônica, o princípio vital (com função auto-reguladora de preservar o equilíbrio) somente consegue opor à causa, sua resistência imperfeita/inadequada estando incapaz (por causa do enfraquecimento) de impedir o avanço do adoecimento. E a dinâmica da vida é cada vez mais anormal conforme afirmativa de Moreno (2000 a).

Ainda sobre adoecimento crônico Hahnemann já havia relatado , segundo ANDRADE (2004), que a continuidade dos tratamentos alopáticos supressivos progressivamente causam desequilíbrios crônicos, típicos de intoxicação sendo cada vez mais difíceis de serem curados. ANDRADE (2004) completa que as substâncias alopáticas (inclui os agrotóxicos), prescritos dentro do princípio dos contrários, causam aos sistemas vivos outro desequilíbrio denominado imprecisamente “efeito colateral”. Essas drogas (MORENO, 2000 a, interpretando Hahnemann) tem dois efeitos: o primeiro é a interferência agressiva direta na vida do sistema, o segundo é a interferência supressiva eliminando a reação dos mecanismos de defesa. Na natureza os mecanismos de defesa vão sendo aperfeiçoados nas individualidades e passam ao coletivo

da espécie (CASALI, 2004). O princípio vital não é rígido nem é barreira intransponível. O princípio/força vital é versátil pois lhe compete evoluir os sistemas vivos no sentido de maior e melhor adaptação das gerações futuras. Visando aprender com a hostilidade como supera-la, o princípio vital permite em si o acesso do que é hostil e sendo afetado identifica os sinais da hostilidade conhecendo assim os meios de supera-la sem entretanto extingui-la. As hostilidades não foram feitas para serem extintas mas ensinarem os sistemas vivos a lição da sobrevivência e do melhorar a cada geração (CASALI, 2004).

O ecossistema agrícola quando pratica a diversidade imitando a natureza é considerado mais saudável, com padrão de vitalidade maior. Nesse modo de praticar agricultura (com diversidade) há maior resistência, por exemplo, ao ataque de insetos quando comparado a qualquer monocultivo. Na natureza a retomada do equilíbrio é comum, é fenômeno natural tal como é a descarga elétrica sobre a mata e a conseqüente queima de plantas. A mata se recupera retomando seu caminho evolutivo, mais rápido ou menos rápido, com maior ou menor desgaste, dependendo da saúde/vitalidade (CASALI, 2004).

O processo é semelhante ao que acontece nos seres humanos. É como a área de cultivo que deixada em pousio/descanso tende a retomar sua vegetação natural permitindo a sucessão de espécies e todos processos biológicos que acontecem na evolução do sistema vivo equilibrado.

A saúde (equilíbrio) pode ser percebida nos ecossistemas em condições normais evoluindo e se adaptando às intempéries sempre seguindo as leis naturais. A floresta por exemplo evolui até o clímax, ou seja, sua autosustentabilidade. Os sistemas agrícolas seriam tanto mais equilibrados quanto mais fossem auto-sustentáveis, em regime de conservação e processo de evolução onde seus componentes expressam seu potencial com maior vigor o que finalmente depende da saúde (equilíbrio) do solo (ANDRADE, 2004).

Interpretando os fatos dentro da filosofia homeopática (ANDRADE, 2004), os sintomas de ataque de insetos ou microorganismos nos vegetais seriam os

sinais de adoecimento orgânico e não a doença. Concordando com os princípios da trofobiose de Charboussou: os ataques aos vegetais acontecem por causa da desarmonia nutricional. A causa é anterior ao sintoma. A desarmonia nutricional tem origem na desarmonia do solo e de suas relações, enfim, no desequilíbrio do princípio vital, no desequilíbrio ambiental.

Confirmado por VITHOULKAS (1980) que concordou com Hahnemann, anteriormente aos sintomas físicos já existem alterações internas no princípio vital, ou seja, alterações no plano dinâmico que busca equilibrar-se na sua expansão em holograma com o universo. VITHOULKAS (1980) reconhece a utilidade das bioeletrografias em detectar alterações imateriais ou energéticas à manifestação de sintomas assim como ANDRADE (2000) comprovou a efetividade das bioeletrografias na diferenciação de plantas tratadas com preparados homeopáticos e (ANDRADE, 2004) de solos que receberam tratamento homeopático.

A ciência deve adentrar no campo das causas pois sem a busca da causalidade não há ciência. O conhecimento das causas é o caminho do entendimento da realidade (MARQUES, 1999).

Pelo princípio da ciência da homeopatia a causa do adoecimento (desequilíbrio) dos sistemas vivos são os procedimentos supressivos que agem contrariamente ao princípio vital suprimindo sinais/sintomas que revelam a expurgação de tudo que afeta/impede o equilíbrio, seja intrínseco à evolução regida pelo princípio vital, seja externo na forma de agressões/obstáculos/intoxicações (ANDRADE, 2004).

MORENO (2000 b) concorda que a supressão de sintomas adoecer por reprimir a defesa natural dos organismos. As doenças geradas dos procedimentos supressivos tornam-se complexas na medida que vão enfraquecendo a vitalidade do sistema vivo (ser humano, planta, animal, floresta, rio) pois os procedimentos supressivos são sempre repetidos, exatamente porque não resultam em cura verdadeira/definitiva.

Por analogia (ANDRADE, 2004) todos os agroquímicos aplicados ao solo, todos os agrotóxicos aplicados aos vegetais, todos os desinfetantes domésticos despejados nos rios, todos os antibióticos (hominiais, animais) são os agentes mais causadores de desequilíbrio (doença). E foram todos inventados pelo ser humano que se intitula moderno, racional, comerciante perfeito e autor da bolsa de valores mais egocêntrica do universo (CASALI, 2004).

LEIS QUE REGEM O EQUILÍBRIO DOS ORGANISMOS VIVOS

Dentro da nova visão dos organismos vivos e o respectivo equilíbrio pela homeopatia KENT (1996) identifica a cura como ponto de equilíbrio, ponto da conjugação das forças. Ponto que não há risco de extinção dos microorganismos, harmonia das células dos órgãos dos sistemas vivos.

No Organon (parágrafo 2) cura é o restabelecimento da saúde de modo rápido, suave e permanente, pela via mais curta/segura, menos prejudicial, e com base em princípios de fácil compreensão (MORENO, 2002 b).

KENT (1996) mostra que a visão convencional é a resposta do alopata: “cura é o desaparecimento do estado patológico mesmo que pela amputação de órgãos, cirurgias, supressão de sinais (sintomas)”. Na nova visão, nascida com o Organon, a cura é interior manifestando-se no exterior do organismo. No caso do ser humano tem-se que o primordial é a vontade, vindo depois o entendimento e finalmente as dimensões exteriores. É do centro até a periferia. Assim, a cura deve fluir do interior até a periferia o que significa de cima para baixo, de dentro para fora, dos órgãos mais importantes aos órgãos menos importantes, da cabeça até as extremidades. É holograma ao universo.

Todo homeopata interpretando Hering (EIZAYAGA, 1992) sabe que os sintomas desaparecem seguindo essas direções e não retornam. Também sabe: os sintomas que desaparecem na ordem inversa ao seu aparecimento são eliminados definitivamente. A invasão ou avanço das doenças crônicas é da superfície até o centro. Todas as doenças crônicas tem as primeiras manifestações sobre a superfície do organismo de onde se dirigem até o interior do sistema vivo, portanto causando adoecimento profundo e destrutivo da vida. Na medida que são trazidas de volta até a superfície, entende-se que o organismo está se recuperando. Essas são as leis de Hering (EIZAYAGA, 1992).

Os seres humanos com visão convencional não desejam que seus sintomas antigos exteriores retornem, mesmo sabendo ser esta a única forma possível de cura. Portanto os princípios que regem a cura, na visão nova dos sistemas vivos, são claros e inteligíveis. O paradigma convencional é obscuro, tem propósito mercantilista e visa gerar dependência. As leis de cura da homeopatia compatibilizam o bem estar físico com o bem estar interior (espiritual) do ser vivo por lhe permitir mais vida e expressar sua individualidade (lei da natureza) enriquecendo a diversidade (lei da natureza) (CASALI, 2004).

HOMEOPATIA E EQUILÍBRIO DOS ORGANISMOS VIVOS

Saúde é poder cumprir as funções em qualquer nível de vida, desde a unicelular à complexidade dos humanos passando pelos ecossistemas. É permitir as mudanças. É concretizar as profundas aspirações e projetos de vida. É cumprir os altos fins da existência e os ideais existenciais. É poder praticar a criatividade. É poder lutar pela vida, expressando a individualidade enriquecendo a diversidade. É possibilitar a mudança como fenômeno único que não muda no universo. É não haver limitação ao ser humano causada por dor, paixão e egoísmo. A dor que gera dependência, a paixão que gera ódio/medo/ansiedade/fanatismo, o egoísmo que desvia do bem coletivo (VIEIRA e DEGREGORI, 1990).

Saúde não é ausência de sintomas pois sintomas são sinais de luta na direção do equilíbrio. Saúde é estar centrífugo em holograma com o universo.

A homeopatia permite/viabiliza os seres vivos centrifugarem ficando a essência no centro. Pela similitude a homeopatia ajuda o organismo vivo a cumprir suas funções expressando sua individualidade enriquecendo a diversidade. A homeopatia impulsiona as mudanças.

A saúde (equilíbrio): do corpo com o ambiente, dos órgãos com a mente, dos tecidos com as células, do núcleo com o citoplasma, das organelas com o citoplasma, é percebida e administrada pela vitalidade ou seja pelo princípio vital, pela auto-regulação. Esse é o equilíbrio preconizado por Hahnemann no Organon.

O corpo dos sistemas vivos tende ao equilíbrio. E o equilíbrio é mais importante nos órgãos de maior hierarquia. Os órgãos/partes de maior hierarquia se desenvolvem, se desvencilham, ou seja, exteriorizam o que neles está em desequilíbrio. Assim, algum tipo de Bioenergia ou de Bio-informação sai do interior indo ao exterior (Holograma com o universo) provocando equilíbrio no interior, e provocando sintomas (desequilíbrio na forma, desequilíbrio na função) no exterior. Estes sintomas são sinalizadores. Os

desequilíbrios de forma ou de função exteriorizados seguem depois seu curso, ou seja, são colocadas fora do sistema vivo e perdendo seu substrato material cessam portanto sua existência de acordo com Hahnemann (MORENO, 2002 b).

HOMEOPATIA E VITALIDADE DOS ORGANISMOS VIVOS

Os seres vivos tem mecanismos/sistemas de defesa da própria integridade visando sobrevivência e representação na geração seguinte.

Defesa não se expressa apenas fisicamente. A defesa comporta funções que unidas protegem o ser vivo. A defesa é parte da auto-regulação, ou seja, é a atividade biológica que mantém o ser vivo cumprindo sua função na vida da coletividade.

Quando o corpo físico/químico do ser vivo ou do alimento vivo se decompõe, a vitalidade não mais está naquele corpo. A auto-regulação se exauriu, inexistente, porém a vitalidade continua existindo nos descendentes, ou na espécie, ou no corpo que ingeriu o alimento vivo. Uma das funções da vitalidade/auto-regulação é causar o equilíbrio quando o corpo do ser vivo/alimento vivo está sem sincronia, sem harmonia, perturbado por agentes externos, em síntese: doente! (VITHOULKAS, 1980).

De acordo com a ciência da homeopatia diz-se que quando algum ser vivo “adoece” o equilíbrio começou a se instalar no seu interior. Está sendo entendido que este “adoecer” foi deduzido (diagnosticado) por causa dos sintomas que surgiram externamente no corpo do sistema vivo.

Os medicamentos homeopáticos agem como estímulos, como catalisadores. Provocam reação na vitalidade (princípio vital) sem participar diretamente do processo. O poder de reação do princípio vital (auto-regulação) provoca: intensidade de reequilíbrio e velocidade de reequilíbrio.

A supressão dos sintomas de seres vivos é o voltar a forma do desequilíbrio às hierarquias maiores. A informação que deu origem aos sintomas volta ao interior do ser vivo levando a informação do medicamento alopático e seus efeitos intoxicantes. Em plantas cultivadas esse efeito acontece comumente nas espécies que foram selecionadas visando produtividade e dependência aos ambientes propícios a essa maior produção, por exemplo: presença de adubos químicos altamente solúveis, nível de água otimizada no solo e atualmente dependência de agrotóxicos (CASALI, 2004).

A supressão causa desequilíbrio crescente às plantas tornando as espécies mais vulneráveis. As plantas vivem o processo de não ter oportunidade de gerar descendentes mais resistentes.

O número de doenças, com quadros bem caracterizados e agentes externos bem definidos, está aumentando continuamente na produção animal e vegetal.

A supressão de sintomas com medicamentos alopáticos e com agrotóxicos aumenta continuamente o número de quadros patológicos. Por isso na agricultura convencional se usa cada vez mais agrotóxicos e produtos cada vez mais tóxicos. E novas variantes dos agentes patológicos (novas doenças) vão surgindo.

A nossa vida é a vida dos nossos descendentes, é a eternidade da descendência. Não importa como é entendido o nascer e o morrer de cada indivíduo. Importa sim o coletivo da vida. “Nós não vivemos a vida, a vida é que nos vive” (Allan Watts). O produtor que se autodenomina moderno/tecnológico está destruindo a vida em troca do que há de mais morto – o dinheiro. A moeda foi feita visando interação do trabalho, comunicação/soma das atividades hominais. A supressão de sintomas é feita em nome do progresso dos negócios nas bolsas de valores das ações das empresas de capital aberto. A cultura do consumismo e da supressão é imposta em nome do progresso, da bolsa de valores e dos ganhos de capital.

O corpo dos sistemas vivos (rios, matas, animais, seres humanos) é o indicador do desequilíbrio. A sociedade consumista está agregando desequilíbrio por agir contra a natureza da vida. A vida do indivíduo não está limitada entre nascer-morrer, a vida ultrapassa isso, continua. Somos continuadores da vida de nossos pais como serão nossos descendentes. O que é também válido no reino vegetal. O centro é a vida coletiva, a vida progresso, a vida aprendendo a estar mais viva.

HOMEOPATIA, ORGANISMOS E SEGURANÇA ALIMENTAR

Na intoxicação crônica por alimentos com agrotóxicos os resíduos dos agentes químicos são ingeridos diariamente ou freqüentemente sem ocasionar qualquer distúrbio de imediato. Porém, com o tempo levam à exaustão os órgãos envolvidos no seu metabolismo, deteriorando as estruturas mais atingidas, induzindo distúrbios fisiológicos e em seguida as doenças, É portanto intoxicação generalizada por atingir a maioria dos comensais humanos. Exemplos de intoxicantes crônicos: resíduos de agrotóxicos, cloro, sal, açúcar refinado, aditivos alimentares, cosméticos, dentre tantos (LEITE, 1987).

As moléstias crônicas são dependentes de fatores quantitativos dos contaminantes. Quanto menor a agressividade (quantidade e toxicidade) mais condição tem o organismo de se defender. O tempo permite o desenvolvimento de defesa própria, específica de cada individualidade. O organismo vivo depende da resistência genética. O mesmo composto, agrotóxico, cosmético etc, pode provocar doenças diferentes em cada organismo (LEITE, 1987).

De todas as mudanças que o ser humano realizou no ambiente a que mais interferiu com a saúde foram as alterações na alimentação. Com destaque a presença de resíduos de agrotóxicos por causa da dificuldade de

detecção rotineira, pela abrangência/amplitude e pela agressividade (VIEIRA e DEGREGORI, 1990).

O principal objetivo dos tratamentos é reduzir o nível de envenenamento existente. Com a perda dos mecanismos de destruição dos tóxicos há o acúmulo perigoso de substâncias estranhas tornando o organismo vulnerável às doenças graves como: arteriosclerose, câncer, hipertensão, reumatismo, demências, osteoporose e infecções. O tratamento inclui mudança de comportamento e adoção de alimentos orgânicos (AZEVEDO, 2000).

A homeopatia contribui nesses quadros com tratamentos de desintoxicação. Nos vegetais e nos animais de produção o trabalho de desintoxicação é mais simples. Nas plantas os agricultores estão adotando como desintoxicante o próprio agente agressor homeopatizado. Há comprovações experimentais em plantas quanto a eficiência da desintoxicação (CASALI, 2004).

Força Vital e Energia Vital

SILVA (1999) no seu artigo muito importante sobre o Organon aborda várias considerações a respeito das propostas e experiências de Hahnemann expostas a seguir.

Hahnemann no parágrafo 9º do Organon afirma que a força vital é imaterial e reina com poder ilimitado sobre o corpo material. Adotar energia vital como sinônimo de força vital gera conflitos com a ciência inclusive a física quântica. Isto porque a energia não é substância. A energia é definida como medida de atividades com padrões dinâmicos. Assim, na medicina energética, falar em ressonância, sincronia, sintonia, ritmo, fluxo, vibração é mais correto do que falar em energia. Também é conveniente se referir ao princípio vital como “padrões dinâmicos de auto organização”.

O pesquisador, físico quântico, mestre e homeopata SILVA (1999, 2004) abordou nos seus trabalhos publicados, pontos fundamentais ao entendimento da nova visão dos organismos vivos e o equilíbrio pela homeopatia.

Primeiro ponto: a matéria do nosso corpo, ao se desmaterializar, dá origem a funções de onda (física quântica) que são reflexos de fontes de forças conceituais controladoras da forma material por meio de vínculos de campo, em todos reinos conhecidos.

Segundo ponto: quando a força vital promove o equilíbrio dos sistemas vivos com o meio significa que está acompanhando as transformações do ambiente; todas as variáveis que envolvem o organismo vivo possibilitam portanto a pressão por mudanças ou adaptações; o equilíbrio é preservado pelo próprio sistema vivo enquanto não mantém procedimentos rotineiros de conseqüências danosas a nenhuma de suas partes.

Terceiro ponto: a estrutura genética pode ser vista como gigantesca tabela de decisão tal como existe nos computadores e até o presente momento depende do hábil programador imaterial.

Segundo SILVA (2004) considerando o Organon de Hahnemann os preparados homeopáticos acessam as forças conceituais/a força vital, possibilita os sistemas vivos acompanharem as transformações do ambiente, assim como, o equilíbrio nas decisões do programador (auto regulação).

O Organon e os sistemas vivos da natureza

O Organon de Samuel Hahnemann trouxe a nova visão dos organismos vivos. Na leitura do Organon entende-se que os sistemas vivos são universos em miniatura, ou seja, os fenômenos do universo se repetem. Isto é holograma.

A proposta de cura ou equilíbrio dos seres humanos que está no Organon não difere dos fenômenos de equilíbrio dos sistemas vivos da natureza. Entender o Organon é entender como equilibrar a vida da terra.

Os seres humanos não são apenas os consumidores de tudo da terra como o mercantilismo divulga nas propagandas. Os seres humanos aprendem no Organon como enxergar a si próprios na sua relação com os desequilíbrios e com a homeopatia. As preparações ultra diluídas e dinamizadas são o meio de comunicação do ser humano com a imaterialidade do seu próprio interior e com a imaterialidade das substâncias que o cercam.

Os preparados homeopáticos acessam a essência da vida na sua tarefa de auto-regulação dos sistemas vivos, por meio da informação (energia) obtida das substâncias.

O Organon revela o entendimento da ação dos preparados homeopáticos. Em razão dos animais, das plantas, dos solos, do mesmo modo que os seres humanos, responderem aos preparados homeopáticos, os parágrafos do Organon se aplicam à terapêutica homeopática da vida do planeta onde quer que se manifeste.

A informação (energia) chega até o princípio vital (auto regulação) via preparados homeopáticos e tudo o que é conceitual (estrutura informacional, na visão quântica) no ser humano pode então ser revisto. Assim as mudanças acontecem. Havendo mudanças tudo está em harmonia, até com o universo.

Curar não é suprimir sintomas. Curar é equilibrar, cura é reequilíbrio. Com esses conceitos entendemos o Organon na sua moderna visão de organismo vivo contrapondo o modelo mercantilista que se baseia na matéria e se orienta pelo que é morto, o dinheiro.

O ORGANON DA ARTE DE CURAR COM HOMEOPATIA

1 A elevada e única missão do (da) homeopata é a de restaurar a saúde do organismo desequilibrado.

2 O supremo ideal da cura é a rápida, suave e permanente restauração da saúde, assim como, a remoção da doença em sua totalidade, da maneira mais rápida, confiável e inócua possível.

3 Percebendo-se claramente o que deve ser equilibrado com os medicamentos e sabendo-se como compatibilizar o que é curativo ao desequilíbrio, a cura seguir-se-á naturalmente. A adaptação e adequação do medicamento pelo modo mais apropriado de ação envolve a correta preparação, a quantidade exata, e o período de administração. Finalmente, após conhecer os obstáculos à cura de cada caso, o modo de removê-los visando permanente recuperação, então o equilíbrio verdadeiro será instalado.

4 Será preservador da saúde quem conhecer as causas que perturbam a saúde e que promovem o desequilíbrio.

5 É necessário conhecer as peculiaridades das prováveis causas das doenças agudas. Nas doenças crônicas os pontos mais significativos do desequilíbrio permitem descobrir o que é devido ao miasma. Deve-se considerar a constituição física, o modo de agir, as relações na sociedade, a idade e as tendências individuais.

6 O observador imparcial anota somente as alterações na saúde do corpo e da mente (fenômenos mórbidos, acidentes, sintomas) que podem ser percebidos externamente por meio dos sentidos. Anotar apenas os desvios da condição primordial sadia expressas pelo próprio paciente. Todos esses sinais constituem o desequilíbrio em seu todo e no conjunto são o quadro real e único. Captando-se com cuidado a totalidade dos sintomas tem-se o guia seguro do desequilíbrio.

7 Equilibrar em primeiro lugar qualquer causa desencadeadora ou mantenedora. A totalidade dos sintomas, reflexos da essência interior do desequilíbrio, isto é, a influência sobre a força vital, deve ser o único meio de caracterizar o desequilíbrio.

8 Nada resta além da saúde, após o desaparecimento de todos os sintomas. A causa interior é erradicada.

9 No organismo saudável a força vital (autocracia), anima o corpo material, governa inteiramente com poder ilimitado, mantém todas as partes do organismo em operação vital harmoniosa, tanto as sensações como as funções, de modo que nossa mente dotada de razão, poderá livremente utilizar esse corpo vivo e sadio visando os propósitos mais elevados de nossa existência.

10 O organismo (material) desprovido da força vital, não é capaz de qualquer sensação, função ou auto-preservação. O organismo sem força vital estará morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior. O organismo (matéria) se deteriora e é novamente decomposto em seus constituintes químicos. A matéria tem todas as sensações e executa todas as

funções da vida somente por intermédio da força vital que anima o organismo (matéria), na sua saúde e na doença.

11 Quando há o desequilíbrio, somente esta força vital autônoma, é alterada pelo agente agressivo hostil à vida. É somente a força vital, alterada, que pode propiciar ao organismo sensações desagradáveis. Como poder invisível sobre o organismo, essa alteração doentia só se evidencia pelas manifestações nas sensações e funções do organismo. É portanto pelos sintomas da doença e de nenhum outro modo que essa alteração se torna conhecida. Na doença, a força vital é alterada pela influência dinâmica do agente produtor de doença. Analogamente, os medicamentos são substâncias que possuem sua própria energia, operando como influência dinâmica sobre o princípio controlador conceitual da vida. O poder de cura das substâncias depende da influência que suas energias conseguirão exercer sobre a força vital.

Observação: o “conceitual” se refere aqui ao pensamento.

12 O modo como a força vital faz o organismo manifestar os fenômenos mórbidos, isto é, como ela produz a doença, não tem utilidade prática. O que é preciso saber sobre a doença, é revelado pelos sentidos do organismo adoecido.

13 Considerar a doença como algo separado do todo vivente, isto é, do organismo e de sua força vital animadora, só pode ser produto da mente materialista.

14 As patologias visíveis e as alterações mórbidas invisíveis podem ser equilibradas se mostrarem seus sinais/sintomas (a) ao homeopata observador.

15 O sofrimento da força vital e o conjunto de sintomas observáveis são ao todo única realidade e mesma realidade.

16 O ser humano somente poderá curar o organismo se conhecer os poderes não físicos dos medicamentos. Apenas os medicamentos homeopáticos serão capazes de restabelecer a saúde e a harmonia vital.

17 Deve-se remover a totalidade dos sintomas o quadro da doença afim de causar o equilíbrio interno. Anulando-se a doença, restaura-se a saúde, sendo este o único alvo e o real objetivo.

18 A soma de todos os sintomas deverá ser a única indicação, o guia isolado que orienta quanto à escolha do medicamento.

19 As doenças são alterações no estado de saúde dos organismos, que se manifestam por sinais. A cura só é possível pela mudança à condição sadia. É evidente que os medicamentos poderão equilibrar os quadros se possuírem o poder de alterar os estados. Está realmente bem evidenciado que o poder curativo deve-se apenas à capacidade de alterar o quadro.

20 O poder tipo espiritual de alterar o estado (e assim curar a doença), que jaz oculto na íntima natureza dos medicamentos, jamais poderá ser descoberto pelo mero esforço de nossa razão. Poderemos saber de seu poder somente mediante conhecimento dos fenômenos que a substancia provoca no organismo sadio.

21 O princípio curativo dos medicamentos não está perceptível neles mesmos. Os medicamentos são capazes de provocar evidentes alterações de

estado. Experiências feitas em indivíduos sadios têm mostrado os vários sintomas que os medicamentos são capazes de provocar e de curar.

22 Atingir a saúde, significa remover do organismo a totalidade dos sinais e sintomas. Dessa maneira os medicamentos não podem exibir nada mais curativo do que sua tendência em produzir sintomas de doença em indivíduos sadios. Os medicamentos são efetivos pela capacidade de produzir estados patológicos artificiais que anularão o estado doentio. Se é a totalidade dos sintomas que deve ser curada, então deve-se procurar o medicamento que tenha a tendência de produzir sintomatologia semelhante à totalidade.

23 Os medicamentos alopáticos que produzem sintomas opostos aos da doença a ser tratada poderão causar alívio aparente e transitório mas em seguida a doença se expressará novamente e se agravará.

24 Não existe nenhum outro modo de emprego efetivo de medicamentos em doenças além do método homeopático. Devemos procurar o medicamento com capacidade de produzir a doença artificial a mais próxima possível da doença natural.

25 A única e infalível arte de curar vem da experiência . Por meio da experimentação sabemos que o medicamento demonstrou ser capaz de produzir o maior número possível de sintomas semelhantes aos observados na doença, podendo, em dose adequada, remover de modo rápido, radical e permanente a totalidade dos sintomas.

26 Este fenômeno se correlaciona com a seguinte lei homeopática da natureza: “A influência dinâmica mais fraca será extinta permanentemente no organismo vivo por outra mais forte, se a forte é muito semelhante”.

27 O poder curativo dos medicamentos dependerá dos sintomas artificiais serem semelhantes aos da doença, mas terem força superior. Cada enfermidade só poderá ser segura, radical, rápida e permanentemente removida, quando se usar o medicamento capaz de produzir da maneira mais semelhante a totalidade de seus sintomas e que sejam ao mesmo tempo mais fortes do que os da doença.

28 Esta lei natural se manifesta em cada observação. Pouco importa qual venha a ser a explicação científica de como isso acontece. As explicações seguintes são as mais prováveis.

29 Cada doença, não pertencente estritamente ao campo da cirurgia, depende de alguma alteração peculiar da força vital quanto às sensações e funções. A terapêutica homeopática de qualquer doença é conseguida pela administração do agente medicinal selecionado por produzir sintomas análogos. A doença artificial semelhante e mais forte é posta em contato e ocupa o lugar da natural, semelhante e mais fraca. A força vital é então compelida instintivamente a dirigir grande quantidade de energia contra essa doença artificial. Devido à duração mais curta da ação do agente medicinal que agora afeta o organismo, a força vital logo sobrepuja a doença artificial. Como na situação inicial o organismo já fora aliviado da doença natural, ele é finalmente libertado da artificial medicamentosa e pode então prosseguir de maneira sadia.

30 O organismo humano parece ser acometido de modo mais intenso em sua saúde, por estímulos medicamentosos do que pelas hostilidades da doença natural. Isto pode ser parcialmente explicado por nossa capacidade de regular a dose dos medicamentos. As doenças naturais são, em consequência, curadas e sobrepujadas mediante adequados medicamentos.

31 As forças hostis, em parte mentais, em parte físicas, às quais nossa existência terrestre está exposta, não têm a capacidade de danificar de modo incondicional a saúde dos organismos vivos. Torna-se doente somente o organismo suficientemente fraco e suscetível ao ataque. As forças hostis não podem produzir doença em qualquer um, nem a cada momento. A saúde se altera e há sensações ou funções anormais, por causa das perturbações conceituais do princípio vital.

Observação: o “conceitual” se refere ao pensamento.

32 Os agentes produtores de doença artificial operam incondicionalmente. Cada medicamento age todas as vezes, em todas as circunstâncias produzindo seus sintomas característicos. Todo organismo vivo é capaz de ser afetado pela doença artificial em qualquer época e circunstância. Isto difere bastante da doença natural que depende das fragilidades individuais

33 O organismo humano tem tendência muito maior de ter seu estado de saúde alterado por poderes medicinais do que por agentes produtores de doenças, infecções ou miasmas. Os agentes produtores de doenças possuem poder limitado. Na maioria das vezes esse poder é muito condicionado, enquanto que os medicamentos possuem poder incondicional, superior ao agente hostil.

34 O poder de gerar a doença artificial não é causa única do poder de curar do medicamento. Para que possa efetuar a cura é requisito primordial que o medicamento seja capaz de produzir no corpo humano a doença artificial tão semelhante quanto possível à doença a ser curada. Esta semelhança junto com a potência muito maior capacita a doença artificial tomar o lugar da doença natural. Isto é tão verdadeiro que nenhuma doença pré-existente pode ser curada, nem mesmo pela própria natureza, pela junção de nova doença

diferente, mesmo que mais forte. Nada poderá ser curado pelo tratamento que use drogas incapazes de produzir doença semelhante no corpo sadio.

35 Visando ilustrar o fenômeno, consideraremos algumas circunstâncias peculiares das doenças.

36 Se duas doenças no mesmo organismo são diferentes e de forças idênticas, se a mais antiga for mais forte, a doença nova será repelida pela mais antiga. A doença crônica grave não será afetada por outra qualquer doença epidêmica.

37 Por mais violento que seja o tratamento e mesmo que prolongado, a doença crônica antiga não será curada se os medicamentos usados forem incapazes de produzir em indivíduos sadios o estado similar ao daquela doença.

38 Quando a doença nova for mais forte do que a original, esta será removida e suspensa pela doença mais forte até que a original complete seu curso (ciclo). Quando sarampo e varíola incidem ao mesmo tempo na mesma criança, o sarampo é geralmente englobado pela varíola que veio depois. O sarampo não retoma curso senão após a cura da varíola. Por vezes a varíola inoculada se mantém suspensa por quatro dias pelo surgimento do sarampo. Após a fase de descamação do sarampo a varíola completa seu curso. Mesmo nos casos em que a inoculação da varíola tenha sido feita há dias quando então surge o sarampo, a inflamação da inoculação permanece estacionária e a varíola não regride enquanto o sarampo não tiver completado seu curso regular de sete dias. Na epidemia, o sarampo acomete muitos indivíduos no quarto ou quinto dia após a inoculação da varíola e impede o desenvolvimento da varíola até que tivesse completado seu curso, quando então surgiu a varíola que prossegue regularmente até o seu término. Isso se repete com todas as

doenças não semelhantes, a mais forte suspende a mais fraca. Mas nunca uma cura a outra.

39 A natureza não consegue curar nenhuma doença com a instalação de outra, mesmo que mais forte, se a nova doença for diferente daquela já presente no organismo. Tratamentos alopáticos nada mais fazem do que debilitar ou apenas suspender ou suprimir a doença. Não são capazes de curar e quando usados por longo tempo sempre acrescentam algo à velha doença.

40 Quando a nova doença, depois de ter agido por longo tempo sobre o organismo termina por ajuntar-se à primeira, diferente dela, forma-se então a doença complexa. Cada doença tem sua localização particular no organismo. Ficam nos órgãos especialmente adaptados a ela, deixando o resto para a outra doença. Duas doenças não semelhantes não podem se remover ou curar reciprocamente. As duas doenças juntam suas forças e o organismo fica mais doente sendo mais difícil sua cura.

41 Mais freqüente do que doenças naturais que se associam uma com a outra são as complicações que resultam da alopatia. O método alopático é capaz de levar a tais resultados pelo longo e contínuo emprego de medicamentos inadequados. Medicamentos alopáticos produzem doenças duplas no lugar de uma simples. Eles podem piorar o organismo tornando-o muito mais difícil de ser curado. Muitas vezes o organismo fica praticamente incurável.

42 A natureza permite a presença, em alguns casos de duas (talvez três) doenças naturais no mesmo organismo.

43 Quando duas doenças semelhantes se encontram no organismo, pode-se ver como a cura é efetuada pela natureza que nos dá sempre lições de como o ser humano deveria agir.

44 Duas doenças semelhantes não podem se repelir nem se deterem mutuamente. Analogamente duas doenças semelhantes não podem existir ao mesmo tempo e no mesmo organismo ou formarem juntas uma doença dupla complexa.

45 Duas doenças, divergindo talvez em qualidade mas muito semelhantes em seus efeitos, aniquilam-se invariavelmente uma a outra. A mais forte aniquila a mais fraca. Sempre que a força vital, alterada pela doença primária, é atacada de modo mais intenso pela nova mais forte, ela ficará por conta apenas da mais forte. A doença original, semelhante porém mais fraca, sendo mero poder dinâmico desprovido de substrato material, deixará de exercer qualquer influência danosa posterior sobre a força vital, cessando portanto sua existência.

46 Nada é mais simples do que o agente artificial (medicamento) visando curar de maneira mais segura/rápida e permanente. Nada é mais simples também que a observação do processo na natureza.

47 Não poderá a doença pré-existente ser removida, em primeira instância, por algum agente produtor de doença não análoga, mesmo que o agente seja muito forte. Isso só poderá ser conseguido pelo agente que seja semelhante quanto à produção de sintomas, que no entanto devem ser mais fortes. São essas as leis eternas e irrevogáveis da natureza.

48 Nem naturalmente, nem pela medicina convencional, qualquer doença será removida se o medicamento não produzir doença semelhante. Nem

mesmo se o medicamento for extremamente forte. Esses princípios são leis da natureza.

49 É possível maior número de curas naturais e homeopáticas com a maior atenção dos homeopatas.

50 Na natureza pouquíssimas doenças podem ser curadas pela ação fortuita de alguma doença análoga. A natureza tem algumas doenças que atuam como auxiliares de cura: a sarna, o sarampo, a varíola. Essas doenças são perigosas e após provocarem a cura de doenças que lhes sejam semelhantes devem ser objeto de cura também. Uma das dificuldades do uso da sarna, do sarampo e da varíola é a dificuldade de se dosa-las de acordo com as circunstâncias.

51 O ser humano possui a vantagem de dispor de milhares de medicamentos homeopáticos produtores de doenças, à sua disposição visando aliviar os sofrimentos de seus semelhantes. Dentre as substâncias medicinais ocorrem os mais variados possíveis modos de ação. O poder dessas substâncias medicinais homeopáticas de produzir doenças é sobrepujado pela força vital quando sua ação terapêutica se completa. A doença artificialmente produzida desaparece espontaneamente sem necessitar outro ciclo de tratamento visando sua remoção. O homeopata poderá atenuar, subdividir ou potencializar os agentes produtores de doenças artificiais com infinidade de maneiras. A potência poderá ser de tal grau que a doença artificial será mantida apenas ligeiramente mais forte do que a doença natural em tratamento. Neste incomparável método de cura não há necessidade de ataques violentos contra o organismo, nem mesmo na erradicação de doenças de longa duração. A cura com este método acontece mediante suave, imperceptível, (e pode ser rápida) mudança da doença natural ao estado de saúde permanente.

52 O tratamento alopático produz apenas nova doença ao lado da primeira. Como a experiência nos demonstra, tal prática piora as condições do paciente, tornando-o mais incurável do que antes. Pode-se considerar como criminosa traição aos princípios da terapêutica homeopática associar-se os dois sistemas (alopático e homeopático).

53 O modo homeopático exclusivo de tratamento é o único método adequado de curar doenças ou único modo direto, aberto ao espírito humano.

54 O método alopático usa meios inadequados nos adoecidos e tem sido o sistema dominante. O método homeopático é o único adequado, o único direto. É o único método que faz conexão com o método natural de cura que há nos corpos dos seres vivos (“imunogenese” no ser humano/animais, “metabolismo secundário” dos vegetais). Isto é tão certo como o fato de apenas uma reta poder passar entre dois pontos.

55 Os adoecidos se convencem logo de que o sofrimento aumenta com o tratamento alopático. O que sustenta o método é apenas o alívio temporário.

56 O alívio temporário pelo método dos contrários é ilusório ainda que rápido. Em doenças de evolução lenta (crônicas) o método alopático é nocivo.

57 Na alopatia o medicamento produz o contrário do sintoma mórbido. O alívio é apenas rápido e temporário.

58 Tratar de algum sintoma não é tratar da doença, por isso o alívio é ilusório. Pode ser verificado que nas doenças crônicas após o alívio vem a agravação da doença ou a formação de nova doença.

59 Sempre que se faz o tratamento de doenças persistentes pela alopatia acontece o estado de recaída.

60 Pelo método alopático obtém-se supressão transitória da doença, o que motivará necessidade de doses (quantidades) cada vez maiores. Derivará disso outra doença mais grave ou ameaça à vida. A doença nunca será curada.

61 O emprego homeopático de medicamentos, de acordo com a similaridade dos sintomas, conduzirá à cura permanente e perfeita, com doses diminutas (dinamizadas) em vez das grandes doses (quantidades).

62 A eficácia do tratamento homeopático e os resultados perniciosos do tratamento paliativo (alopático) são demonstrados pelos fatos que se seguem, deduzidos de inúmeras observações. Ninguém percebeu isso antes, mas são fatos de infinita importância na arte de curar.

63 Qualquer agente que atue sobre a vitalidade do organismo perturba de certa maneira a força vital. Todo medicamento produz alguma alteração na saúde do indivíduo por período de tempo longo ou curto. Esta alteração na saúde é denominada ação primária do medicamento. A reação da força vital contra a alteração causada pelo medicamento recebe o nome de ação secundária ou reação contrária. A ação primária do medicamento é o resultado da ação conjunta medicinal e vital, sendo principalmente devida ao poder do medicamento.

64 Durante a ação primária, produzida pelo agente medicinal sobre o organismo sadio, a força vital conduz-se aparentemente de modo passivo. A força vital parece compelida a permitir que nela se imprima o poder artificial e se altere o estado de saúde. Logo a seguir a força vital desperta e desenvolve a condição exatamente oposta ao efeito sobre ela produzido pelo agente

medicamentoso artificial, enfrentando a energia do medicamento com efeito proporcional da sua própria energia. Se não houver na natureza estado exatamente oposto à ação primária do medicamento, então a força vital fará surgir seu poder superior, substituindo seu estado normal afim de permitir a extinção da alteração nela impressa pelo medicamento.

65 Uma dose de qualquer remédio homeopático produzirá, com certeza, ação primária perceptível por qualquer observador suficientemente atento. O organismo vivo emprega a ação secundária sempre que for necessária à restauração do estado de normalidade.

66 A ação primária é perceptível com pequena dose do medicamento homeopático. A ação secundária é a resposta do organismo ao medicamento na intensidade suficiente que restaure o equilíbrio (normalidade).

67 O poder de cura dos preparados homeopáticos são conhecidos por meio da ação primária. A ação primária revela o poder benéfico do procedimento homeopático ao provocar a ação secundária no organismo. A ação secundária demonstra o absurdo do procedimento alopático, ou seja, o absurdo da ação antagônica.

68 Os tratamentos homeopáticos têm mostrado que de maneira inusitada doses diminutas de medicamento são suficientes, devido à similaridade dos sintomas produzidos sobrepujar e remover a doença natural análoga.

69 O modo alopático de tratamento demonstra praticamente o fenômeno oposto. O medicamento alopático toca exatamente o mesmo ponto enfermo do organismo que o medicamento homeopático e faz, por curto período de tempo, a doença inaparente, somente à força vital. Durante o período inicial de ação do medicamento, antagonista à força vital, nada se percebe de desagradável,

nem dos sintomas da doença, nem do sintoma medicamentoso. Eles parecem ter dinamicamente neutralizado um ao outro. Nos primeiros minutos a força vital está muito bem. Como exemplo, o Ópio (alopático) não pode ocupar o lugar da alteração como doença artificial similar e mais forte. Não poderá tomar o lugar da perturbação natural e dessa maneira efetuar a cura. O efeito do Ópio logo se extingue espontaneamente, deixando atrás de si a doença ainda intacta, compelindo a força vital a produzir condição oposta, o reverso da ação do Ópio. A alteração natural é conseqüentemente fortalecida e acrescida pela adição desta reação contra o medicamento alopático. Para ser eficiente na alopatia o Ópio deve ser dado em grandes doses (alopatia). É a despropositada força dos medicamentos que compele a força vital a agir contra eles. Os sintomas da doença pioram após expirar a ação do medicamento alopático. Pioram proporcionalmente à magnitude da dose usada. Quanto maior for a dose de Ópio destinada a aliviar a dor, mais aumentará a dor, ultrapassando a intensidade original, tão logo se extinga a ação do Ópio.

70 O homeopata deve equilibrar somente as doenças que podem ser percebidas. Somente por meio da totalidade dos sintomas deve-se escolher o medicamento. O potencial de equilibrar dos medicamentos é conhecido apenas por meio da experimentação no organismo sadio.

71 O processo de cura compreende três pontos:

(i) Como certificar-se do que é necessário para se curar a doença? Parágrafo 82-104.

(ii) Como obter conhecimentos sobre os instrumentos adequados à cura natural, isto é, os poderes patogenésicos do medicamento? Parágrafos 104-105.

(iii) Qual o método mais adequado de utilizar esses agentes produtores de doenças artificiais (medicamentos) na cura da doença natural? Parágrafos 146-209.

72 As doenças são agudas ou crônicas. As doenças agudas são rápidas. São processos patológicos da força vital anormalmente alterada, com tendência a encerrar seu curso mais ou menos rapidamente, sempre com espaço de tempo moderado. As doenças crônicas tem início imperceptível, alterando de modo dinâmico o organismo, fazendo-o desviar-se gradualmente do estado de saúde. A força vital opõe resistência inadequada e inútil, incapaz de extingui-las, sofrendo alterações até que o organismo venha a ser destruído. Estas doenças são causadas por miasma.

73 As doenças agudas são geralmente consideradas expressão transitória da psora latente que retorna espontaneamente ao seu estado quiescente. Existem entretanto doenças desse tipo que acometem vários organismos ao mesmo tempo, por meio de agentes ofensivos. A susceptibilidade de ser atacada esporadicamente é possuída apenas por poucos organismos. Aliadas a essas doenças estão aquelas que muitos organismos são atacados com padecimentos muitos semelhantes devidos à mesma causa, isto é epidemicamente. Essas doenças tornam-se geralmente infecciosas, isto é, contagiosas quando predominam quando as pessoas vivem aglomeradas. Surgem então febres peculiares em cada instância; pelo fato das doenças terem origem única, elas instalam em cada um dos organismos afetados um processo mórbido idêntico, que por si só termina, em moderado período de tempo, na morte ou na recuperação. Essas doenças são especiais e ocorrem do modo idêntico, tanto acometendo organismos somente uma vez na vida, como reaparecendo freqüentemente e do mesmo modo.

74 Entre as doenças crônicas estão aquelas que são artificialmente produzidas pelas drogas, ao lado de outras doenças.

75 Essas incursões sobre a saúde humana provocadas por medicamentos não homeopáticos são, dentre todas as doenças crônicas, as mais deploráveis e mais incuráveis. É impossível descobrir ou criar remédios para seu tratamento, quando elas já ultrapassam certo estágio.

76 Não existe nenhum procedimento capaz de fazer voltar ao estado normal as condições anormais tantas vezes produzidas pela medicina convencional. As doenças produzidas por drogas e tratamentos danosos só poderão ser remediados pela própria força vital.

77 Agravantes criadas por influências danosas, por negligência, por abuso, preocupações, malnutrição, habitação inadequada e outras causas ambientais, não podem ser corretamente chamadas de doenças crônicas.

78 As verdadeiras doenças naturais crônicas são as derivadas de algum miasma. Os miasmas são os mais numerosos e mais importantes flagelos da raça humana, que vão crescendo e piorando a despeito de se ter a mais robusta constituição, o mais metódico modo de viver e a força vital mais vigorosa.

79 Até o momento somente a sífilis tem sido reconhecida como uma dessas doenças miasmáticas. A sífilis quando não curada só cessa com o término da vida. A sicose não foi ainda considerada doença miasmática crônica. Os médicos acreditavam tê-la curado quando destruíam os crescimentos visíveis na pele. A alteração persistente da sicose não é facilmente observável.

80 Incalculavelmente maior e mais importante do que a sífilis é o miasma da psora. Analogamente à sífilis e à sicosose aparece a erupção cutânea após ter tomado todo o organismo por esse monstruoso miasma interno – a psora. A psora é a única causa real e fundamental produtora de todas as inúmeras outras formas de doença.

81 O fato da psora, que é extremamente antiga, ter passado gradativamente por centenas de gerações explica como a psora pode exibir tal multiplicidade de processos mórbidos na humanidade. Não é de se admirar que ampla gama de agentes, atuando no interior e exterior sobre grande variedade de organismos impregnados pelo miasma psórico, venham a produzir inumerável variedade de defeitos.

Observação: Hahnemann escreveu sem o conhecimento do microscópio. Ele advoga a existência e comportamento dos micróbios, não sendo capaz de distinguir entre a real presença de micróbios, numa forma material, e a alteração que poderá restar após a extinção dos mesmos.

82 A descoberta de medicamentos homeopáticos específicos que visam erradicar a psora não diminui a obrigação de se avaliar cuidadosamente os sintomas de cada enfermidade crônica em que se reconhece a psora como causa subjacente. Não é possível qualquer cura verdadeira sem cuidadoso estudo das características de cada doença individual que possa levar ao tratamento particular. Essa obrigação diferirá um pouco nos casos de doenças agudas rapidamente evolutivas. Na doença aguda, os sintomas principais se tornam evidentes de maneira mais rápida do que na doença crônica. Exige-se menos tempo até se traçar o quadro da doença e menos perguntas. Quase tudo é evidente, ao passo que no caso de doença crônica que vem progredindo por vários anos, a obtenção dos sintomas é mais difícil.

83 O exame de cada caso individual nada mais exige do que sentidos alertas, ausência de preconceitos, atenção na observação e fidelidade na descrição do quadro da doença.

84 Do organismo é captada a história detalhada de seus padecimentos. O que o cerca aponta seu comportamento. Deverá ser anotado cuidadosamente tudo o que for dito/observado nas próprias expressões.

85 Cada nova informação do doente (a) o homeopata anota em nova linha. Assim os sintomas estarão separados, um abaixo do outro.

86 Obtido o histórico inicial, é repassado cada sintoma em particular, obtendo-se informes mais precisos. Que tipo de dor? Qual era exatamente a sensação? Exatamente em que lugar? A dor é paroxística? Vem por conta própria? Surge repetidamente? Ou é contínua? Quanto tempo dura? A que hora do dia ou da noite? Com que posição do corpo fica ou cessa totalmente? Qual foi a exata natureza deste ou daquele acontecimento, descrito com palavras simples?

Observação: Paroxística é quando há manifestação dos sintomas com maior intensidade e exaltação máxima, é o apogeu/auge.

87 Deve-se obter informações precisas respeitando cada detalhe particular. Não se deve nunca formular questões sugerindo-lhes as respostas. Nunca se deve propor questões que possam ser respondidas com sim ou não, pois nesse caso poderá ser induzida a resposta incorreta ou apenas semi-correta. Resultará disso o falso quadro da doença e daí a maneira inadequada de tratamento.

88 Se dentre os detalhes nada foi mencionado sobre várias partes ou funções do organismo ou sobre o estado mental, deverá ser perguntado sobre

essas partes, ou funções ou estado e disposição da mente. Ao propor estas questões, se usa expressões gerais de maneira a obrigar os informantes a entrar em detalhes especiais.

89 Quando o paciente já tiver traçado algum quadro razoável da doença, se ainda não se tem todas as informações, fazer perguntas mais precisas e especiais.

90 Deve-se também anotar o que é observável no paciente, certificando-se do que era característico quando sadio.

91 Os sintomas e padecimentos anteriores ao uso de medicamentos ou após terem sido retirados, dão idéia da forma original da doença. São exatamente esses sintomas que se deve anotar. Quando a doença é crônica e o paciente está tomando o medicamento, até o momento em que é visto, haverá vantagem em deixá-lo alguns dias sem medicamento, relegando ao período subsequente a definição precisa de seus sintomas. Poderá dessa maneira se ter o quadro fiel da doença.

92 Se a doença for grave e o ciclo da doença é rápido, deve-se ter conhecimento exato do quadro completo, isto é, da moléstia composta formada pelas doenças original e medicamentosa. A doença causada pelo uso inadequado de drogas é geralmente mais grave e perigosa que a doença original, merecendo, portanto, ajuda pronta e eficiente. Esboçando o quadro completo da doença composta, o homeopata poderá combater o processo com o medicamento adequado, de modo que o paciente não seja sacrificado pelas drogas nocivas que tomou.

93 Se a doença foi provocada por qualquer causa óbvia, esta será mencionada espontaneamente ou por ocasião do interrogatório cuidadoso.

Toda e qualquer causa de natureza embaraçosa que o paciente ou seus familiares não quiserem confessar deverá ser esclarecida pela inteligente proposição de perguntas ou mediante questionamento secreto.

94 Ao se pesquisar a condição da doença crônica, deve-se avaliar cuidadosamente as circunstâncias particulares do paciente em relação à sua ocupação, modo de vida, dieta, situação doméstica etc., afim de se certificar o que tende a produzir ou a manter a doença. A remoção de qualquer condição mórbida assim descoberta levará à cura.

95 No caso de doenças crônicas, deve-se anotar cuidadosamente as mínimas peculiaridades. Os pacientes ficam tão acostumados com os seus sofrimentos que não ligam mais aos sintomas menores. Esses sintomas são geralmente cheios de significados e são de grande valia na determinação do medicamento. Após quinze ou vinte anos de sofrimento, o paciente provavelmente não poderá ser levado a acreditar que esses sintomas tenham qualquer conexão com a doença principal.

96 Os pacientes diferem muito quanto às suas disposições e alguns, especialmente os denominados hipocondríacos, descrevem seus padecimentos de modo exagerado. Apesar disso, não existe nunca invenção de sintomas e sofrimentos nos hipocondríacos.

97 Há indivíduos que evitam mencionar sintomas, descrevendo outros de modo vago, alegando ser alguns deles inconseqüentes. Fazem isso em parte por preguiça, em parte por falsa modéstia e em parte por falta de disposição ou fraqueza mental.

98 Tão certo como se deve ouvir adequadamente os pacientes, deve-se inquirir sobre o quadro completo da doença crônica. Deve-se dar toda a

credibilidade à descrição do próprio paciente sobre seus padecimentos e sensações.

99 De modo geral, a investigação da doença aguda é muito fácil. Todo e qualquer desvio do estado de saúde que tenha ocorrido recentemente estará ainda fresco na memória do paciente e seus amigos. Esses desvios continuam sendo novos e chamativos. Certamente é necessário obter nesses casos, o quadro completo da doença, mas tem-se que inquirir menos. Na maioria dos casos os dados são evidentes.

100 Quando se investiga a totalidade dos sintomas de doenças epidêmicas e esporádicas, é geralmente irrelevante saber se algo de semelhante já surgiu no mundo anteriormente sob esse ou outro nome. A novidade ou peculiaridade da doença dessa categoria não fará diferença, quer no modo de examinar, quer no de trata-la. Deve-se encarar o quadro de cada doença instalada como se fosse algo de novo e desconhecido, investigando-a cuidadosamente. Nunca se deve substituir a observação pela conjectura, não tendo como certo que o caso já está totalmente ou parcialmente conhecido. Deverá se examinar cuidadosamente a doença em todas as fases, porque o exame detalhado mostrará que cada doença instalada é, em muitos aspectos, fenômeno ímpar, diferindo grandemente de todas as epidemias anteriores. Como exceção estão aquelas epidemias resultantes de princípio contagioso que permanece sempre o mesmo, como a varíola e o sarampo.

101 Pode acontecer facilmente que no primeiro caso de doença epidêmica não se consiga obter, de imediato o conhecimento de todo o seu quadro. Somente a observação íntima de vários casos de tal doença coletiva permitirá a totalidade de seus sinais e sintomas. Quando se examina cuidadosamente, chega-se muitas vezes próximo ao conhecimento da real condição e ter em mente o quadro característico da doença, após o exame do primeiro e segundo

pacientes. Será então bem sucedida a procura do remédio homeopático adaptado a essa epidemia.

102 Ao se anotar os sintomas de vários casos vai-se delineando de maneira mais completa o quadro dessa doença. As anotações não se tornam confusas porém cada vez mais cheias de significado e mais características, englobando mais particularidades da doença coletiva. Sintomas gerais como falta de apetite, insônia etc, se tornam precisamente definidos. Se salientam os sintomas característicos mais marcantes e específicos da doença, vindo a constituir o que é mais característico da enfermidade. Tendo selecionado o medicamento mais próximo possível do ideal, deve-se verificar a adequação do medicamento escolhido ou se descobrirá outro mais apropriado.

103 Analogamente ao que foi relatado em relação às doenças epidêmicas, as doenças crônicas miasmáticas devem ser investigadas de modo mais minucioso do que jamais foi feito. Cada paciente isolado revela apenas uma parte do total dos sintomas que constituem toda a extensão da psora. A gama total de sintomas pertinentes a doença miasmática crônica só poderá ser obtida pela observação de muitos pacientes acometidos dessa doença crônica. Não se pode descobrir o medicamento capaz de curar homeopaticamente a totalidade da doença, sem se levantar o quadro completo e coletivo dos sintomas. O medicamento será dos inúmeros pacientes acometidos dessas doenças crônicas.

104 Uma vez que o quadro da doença tenha sido delineado, completou-se a parte mais difícil da tarefa. Estará agora à disposição o quadro completo da doença visando o tratamento, ou seja, o relato da totalidade dos sintomas, especialmente aqueles que marcam e distinguem a doença. Será possível separar os sintomas característicos de modo a opor com a força artificial semelhante sob a forma de medicamento homeopático. Esse medicamento

será selecionado dentre todos os medicamentos cujos efeitos tenham sido comprovados. Quando no decorrer do tratamento se desejar saber que alterações já aconteceram no estado de saúde do paciente, por efeito do medicamento, deve-se fazer novo exame do paciente e marcar na lista de sintomas aqueles que melhoraram. Marcar aqueles que permanecem e adicionar os novos sintomas que possam ter aparecido.

105 O segundo ponto diz respeito a aquisição de conhecimentos sobre medicamentos destinados ao tratamento das doenças naturais. Isto requer a investigação sobre os poderes patogenésicos dos medicamentos. Deve-se selecionar, a partir dos sintomas produzidos, os medicamentos que causem doença artificial tão parecida quanto possível ao conjunto de sintomas principais da doença natural.

106 Deve-se conhecer integralmente os efeitos patogenésicos dos vários medicamentos. Antes de mais nada devem ser observados todos os sintomas mórbidos e alterações da saúde que cada medicamento seja capaz de desenvolver no ser sadio até que se possa encontrar os mais adequados à maioria das doenças naturais.

107 Se medicamentos forem dados a pessoas doentes com a finalidade de constatar seus efeitos, pouco ou nada se poderá saber sobre seus verdadeiros efeitos. As alterações da saúde peculiares a cada medicamento estarão nessas circunstâncias misturadas com os sintomas da doença, não podendo ser observados distintamente.

108 Os efeitos peculiares dos medicamentos só poderão ser obtidos corretamente mediante sua administração experimental, em doses moderadas, a organismos sadios. Somente desta maneira poderão ser descobertas as alterações, sintomas e sinais da influência de cada medicamento no corpo e na

mente. É este o único caminho de se verificar quais os sintomas artificiais (ação primária) que cada medicamento é capaz de produzir. Todo o poder curativo dos medicamentos está na sua capacidade de alterar o estado do organismo sadio. Este poder é revelado pela observação dessas alterações.

109 Fui o primeiro a escolher o caminho do emprego homeopático dos medicamentos. A perseverança nasceu da perfeita convicção dessa verdade benéfica aos seres humanos, ou seja, a cura das doenças.

110 Histórias de envenenamento têm sido prova dos efeitos perniciosos dessas poderosas substâncias, e usadas nas classificações como venenos. Ninguém jamais sonhou que os sintomas anotados, meramente como provas do efeito danoso e venenoso dessas substâncias, fossem reais manifestações do poder de cura dessas drogas. Os fenômenos patogénicos são manifestações de sua ação curativa homeopática. O poder essencial e peculiar dos medicamentos não será conhecido, nem por especulação nem pelo cheiro, gosto ou aparência das drogas ou sua análise química numa mistura, senão pela observação das alterações que esses medicamentos são capazes de produzir no organismo sadio. São as doenças artificiais que fornecem dados à verdadeira e pura Matéria Médica.

111 A concordância nas observações dos vários autores, sobre o efeito dos medicamentos, facilmente convence que os preparados homeopáticos agem no organismo sadio cumprindo leis eternas/fixas da natureza. Em virtude dessas leis, é possível produzir sintomas de doenças de acordo com seu caráter peculiar.

112 Os medicamentos perigosos, em doses (quantidades de matéria) excessivamente grandes, no final da experiência, geram sintomas de natureza exatamente oposta aos iniciais. Esses sintomas tardios, exatamente opostos à

ação primária, representam a reação da força vital. Os efeitos tardios são ação secundária. Na experimentação feita em organismos sadios a doses homeopáticas de medicamentos raramente causam o mínimo de ação secundária. Na operação curativa homeopática o organismo vivo retira do medicamento somente o mínimo necessário visando recolocar a saúde no seu estado normal.

113 Constituem exceção única os medicamentos narcóticos. Pelo fato de sua ação primária remover a sensibilidade e as sensações e por vezes a irritabilidade, sucede com frequência que, mesmo administrados em doses experimentais homeopáticas em indivíduos sadios, nas ações secundárias haja aumento da sensibilidade (ou maior irritabilidade).

114 Excetuando-se essas substâncias narcóticas observa-se nas experiências com doses homeopáticas de medicamentos em organismos sadios, apenas ações primárias. Observa-se esses sintomas sempre que o medicamento alterar a saúde do ser humano, nele desenvolvendo estado mórbido de maior duração.

115 Entre os sintomas produzidos pelos medicamentos, existem alguns que são parcialmente ou totalmente opostos a outros que haviam surgido, sendo considerados estado alternativo da ação primária. Não devem ser encarados como verdadeiras ações secundárias ou reações da força vital.

116 Alguns sintomas são produzidos mais freqüentemente do que outros. Alguns sintomas são obtidos na maioria dos indivíduos, outros mais raramente ou em poucas pessoas, e alguns só em raros organismos humanos sadios.

117 Os sintomas raros são denominados idiosincrasias. Isso significa que a constituição física especial possibilita a condição doentia maior ou menor e

muito específica. Essa incapacidade de produzir sintomas é somente aparente. São dois os fatores requeridos na produção de dano à saúde do homem. 1) O poder inerte da substância. 2) A capacidade da força vital ser influenciada por aquela substância. No caso das idiossincrasias, a alteração não pode ser imputada somente à constituição peculiar. Algum papel deve ser desempenhado pela substância. Essa influência parece atuar apenas em pequeno número de constituições sadias. Tais agentes no entanto deixam sua impressão em todo organismo sadio. Os medicamentos homeopáticos são eficientes em todos os sintomas semelhantes aos produzidos, apenas nos indivíduos chamados idiossincrásicos.

118 Cada medicamento tem ação característica no corpo humano. Tais ações não são produzidas exatamente da mesma maneira por qualquer outra substância medicinal de espécie diferente.

119 Cada espécie vegetal difere em seu aspecto externo, modo de vida e de crescimento, em seu sabor e cheiro de todas as outras espécies. Cada mineral e sal difere em seus aspectos externos, internos e propriedades químicas, assim como diferirão entre si quanto aos efeitos patogénicos e por conseguinte, em seus efeitos terapêuticos. Não existem medicamentos complementares equivalentes e portanto não existem substitutos.

120 Os medicamentos devem ser cuidadosamente testados em organismos sadios visando se ter o conhecimento preciso dos sintomas artificiais.

121 Ao testar preparados homeopáticos, deve-se ter em mente que substâncias fortes são capazes de produzir alterações na saúde de pessoas robustas mesmo em pequenas doses. Preparados de poder mais suave devem ser dados em maiores quantidades nas experimentações. A ação dos

medicamentos muito fracos, é verificada em pessoas delicadas, irritáveis e sensíveis.

122 Só devem ser empregadas nessas experiências preparados perfeitamente conhecidos quanto a pureza, autenticidade e energia.

123 Cada medicamento na experimentação deve ser usado na forma simples e natural. As plantas na forma de suco são misturados com álcool evitando a deterioração. Quando necessário obter a planta na forma de pó. Sempre acrescentar o álcool senão as plantas fermentarão perdendo a sua força medicamentosa.

124 Cada preparado homeopático deverá ser empregado isoladamente sem adição de substâncias estranhas. Não administrar nenhuma substância medicinal no mesmo dia. Efetivamente não deve ser tomado nenhum outro medicamento durante todo o período.

125 Durante a experiência a dieta deverá ser rigorosamente regulada. A dieta não deverá conter temperos. A dieta deverá constar de alimentos nutritivos e simples como ervilhas frescas, vagens e sempre cenouras. Outros vegetais verdes, raízes e todas as espécies de saladas e sopas de vegetais devem ser evitadas porque, mesmo quando preparadas com o maior cuidado, possuem certas propriedades medicinais perturbadoras. As bebidas devem ser as menos estimulantes possíveis. Abster completamente de vinho, aguardentes, café e chá por bastante tempo antes da experiência e durante.

126 Evitar a exaustão física ou mental, todas as formas de dissipação e de paixões perturbadoras durante todo o período experimental. Não distrair a atenção. Dedicar-se inteiramente à auto observação. O corpo deverá estar em

boas condições de saúde e o indivíduo deverá ser suficientemente inteligente afim de exprimir e descrever precisamente suas sensações.

127 Os preparados deverão ser testados em indivíduos do sexo masculino e feminino afim de que se possa avaliar propriedades na esfera sexual.

128 As substâncias medicinais quando tomadas em seu estado natural não exibem a totalidade de seus poderes. Os poderes são revelados e despertados mediante sucussão. Altas diluições seguidas da sucussão potencializam as propriedades das substâncias de maneira incrível. Dar ao experimentador uma dose diária de quatro a seis glóbulos da trigésima potência umedecido em pouco de água e dados com o estômago vazio. Continuar este regime por vários dias.

129 Se os efeitos da trigésima potência forem leves, deve-se aumentar o número de glóbulos até que as alterações da saúde se tornem evidentes. Existe grande variedade na intensidade que causam. O indivíduo aparentemente fraco pode ser pouco afetado pelo preparado de substâncias fortes enquanto poderá ser afetado de maneira intensa por preparados de substâncias mais fracas. Existem pessoas muito robustas que manifestam sintomas fortes quando tomam preparados fracos e apenas sintomas leves com drogas mais fortes. Nada se pode prever nesse campo. É recomendado começar com poucos glóbulos, aumentando sempre que necessário.

130 Se a primeira dose administrada for adequada, o experimentador aproveita a oportunidade e anota a ordem seqüencial em que os sintomas aparecem. É muito útil possuir a seqüência de ações do preparado, aumentando assim o conhecimento das qualidades do medicamento. Desta maneira, as ações primárias e alternativas são observadas de maneira correta. O experimentador deve possuir sensibilidade e estar muito atento às suas

sensações. A duração da ação só pode ser determinada quando se comparam diversas experiências. O mesmo medicamento deve ser dado à mesma pessoa durante diversos dias sucessivos em potências sempre crescentes. Ao fazer isto, obtém-se o conhecimento das doenças que o medicamento é capaz de produzir, mas não se sabe a ordem que estas alterações aparecem. A potência subsequente geralmente remove curativamente alguns dos sintomas causados pela anterior. Algumas vezes a potência subsequente desenvolve efeito oposto ao da primeira. A ambigüidade desses sintomas deve ser registrada até que o experimento mais preciso certifique se são secundários ou se constituem alternativa.

131 Dar o medicamento em experimentação vários dias em potência crescentes. Assim procedendo se conhece os diversos sintomas artificiais porém não se conhece a ordem de aparecimento. A potência subsequente atua terapêuticamente eliminando o sintoma anterior e gerando estado oposto.

132 Quando a finalidade da experimentação é descobrir os sintomas produzidos, sem haver preocupação com a seqüência ou duração de suas ações, deve-se dar o preparado por vários dias sucessivos, aumentando-se a potência diariamente. Dessa maneira pode-se revelar a ação do preparado mesmo que seja de grau moderado, se testado em organismo sensível.

133 É necessário assumir várias posições durante suas ações. É essencial que observe os sintomas causados pelo movimento da parte afetada, andando no quarto ou ao ar aberto. Anotar se o sintoma aumenta, diminui ou é removido. Deve-se também observar se assumindo a posição anterior volta ao sintoma, se é alterado por alimentos ou bebidas, pela fala, tosse, espirro ou qualquer outra condição ou ação do corpo. Anota-se também a hora que surge o sintoma de modo mais acentuado. Mediante tais observações, tudo o que for peculiar a cada sintoma será conhecido.

134 Nem todos os sintomas peculiares de cada medicamento aparecerão ao mesmo tempo, nem na mesma experiência. Alguns sintomas surgem principalmente na primeira vez, outros na segunda ou terceira. Em outro organismo podem surgir outros sintomas, mas de tal forma que alguns dos fenômenos observados na quarta, oitava ou décima pessoa já haviam aparecido na segunda, sexta ou nona pessoa e assim por diante. Os sintomas podem não ocorrer à mesma hora.

135 São necessárias numerosas observações nos organismos de ambos os sexos e de várias constituições físicas a fim de que seja descoberta a totalidade dos sintomas artificiais que é capaz de produzir. Diz-se que o preparado foi exaustivamente experimentado quando os experimentadores que se seguem não revelarem outros sintomas.

136 O medicamento não desenvolve em todos os organismos todas as alterações de saúde que é capaz. A tendência de provocar todos os sintomas, acontece quando o paciente está com alguma enfermidade de sintomas semelhantes. Nessas condições mesmo doses mínimas do medicamento homeopático produzirá de maneira silenciosa estado artificial que se assemelha em tudo à doença natural e o paciente será rápida e permanentemente curado de sua moléstia.

137 Selecionar pessoas honestas/leais de sentimentos, capazes de ficarem atentas às suas sensações. Quanto mais alta a potência melhor será o conhecimento. As ações primárias se desenvolverão de maneira mais distinta e os sintomas ocorrem sem se misturarem com as ações secundárias (reações da força vital). Contrariamente, quando são usadas potências baixas não somente aparecem efeitos secundários mas também se instalam os efeitos

primários de modo tão rápido, confuso e vigoroso, que não permite observações/anotações.

138 Todos os sintomas e mudanças do estado de saúde surgidos durante a experimentação devem ser atribuídos unicamente ao medicamento. Tudo deverá ser registrado como peculiar ao preparado, como sintomas produzidos, mesmo que o observador já tenha notado a ocorrência espontânea de fenômenos semelhantes muito tempo antes. O ressurgimento desses sintomas durante o teste do preparado apenas mostra que o organismo é predisposto a ter esses sintomas. Nessas circunstâncias os sintomas são efeitos do medicamento. Eles não surgem espontaneamente, pois o medicamento está exercendo influência sobre a saúde de todo o sistema.

139 Deve-se anotar distintamente as sensações, os sofrimentos, os acidentes e as alterações de saúde. Anotar o período de tempo entre a ingestão e o aparecimento de cada sintoma, assim como o tempo que duram. Rever as anotações na presença do experimentador imediatamente após o término da experiência. Caso o teste aconteça durante vários dias fazer isso cada dia enquanto tudo ainda está na memória do experimentador. Perguntar sobre a verdadeira natureza de cada acontecimento, anotando os detalhes precisos fazendo as alterações que o indivíduo submetido à experiência sugerir. Quem comunica os resultados de tais experiências é responsável pela veracidade.

140 Na impossibilidade de escrever, informar-se diariamente sobre o que ocorreu e como aconteceu. Obtêm-se informações autênticas mediante narração voluntária da pessoa submetida à experiência. Não serão admitidas conjecturas nem perguntas dirigidas. O interrogatório da pessoa experimentada deve seguir os parágrafos 84-99.

141 Os melhores testes de medicamentos são aqueles que o (a) homeopata sadio, sem idéias pré-concebidas e com boa sensibilidade executa em si próprio. A pequena indisposição provocada pela tomada de medicamentos com a finalidade de testa-los não é prejudicial à saúde. Mostra a experiência que, devido aos ataques freqüentes à sua saúde o organismo do testador torna-se cada vez mais capaz de repelir influências estranhas sobre sua estrutura. Torna-se mais resistente aos diversos agentes agressivos devido a essas suaves experiências efetuadas em si próprio. Sua saúde cada vez se altera menos e ele se torna mais robusto.

142 Somente com a mais alta arte de analisar/julgar de mestres na observação é que se descobre o medicamento curativo especialmente das doenças crônicas.

143 Obtendo-se considerável número de medicamentos experimentados dentro desse procedimento tem-se a verdadeira Matéria Médica Homeopática, o “Livro da Natureza”. Havendo similitude com os estados de adoecimento o medicamento homeopático é o meio da cura duradoura.

144 Estará excluído da Matéria Médica tudo o que for conjectural, mera asserção ou puramente imaginário. Tudo será a pura linguagem da natureza que foi honestamente interrogada.

145 Os medicamentos com sua ação já testada sobre o corpo humano sadio, restauram a saúde de maneira suave, segura e permanente, produzindo poucos distúrbios. Tais medicamentos são infinitamente mais seguros e menos perigosos em suas ações do que as terapêuticas da velha arte alopática.

146 O exercício do homeopata verdadeiro é curar com o medicamento adequado e que foi experimentado em organismos sadios.

147 Qualquer que seja o conteúdo do medicamento, se os sintomas se assemelham intensamente à totalidade dos sintomas da doença natural, esse medicamento será certamente a melhor opção.

148 O medicamento escolhido desse modo produzirá sua própria doença artificial naquelas mesmas partes e pontos do organismo adoecido. Devido à semelhança e força predominante, a doença artificial ocupará justamente o posto da doença. A força vital instintiva e automática não será mais afetada pela doença natural, mas apenas pela doença similar, mais forte. Pelo fato da doença artificial ser produzida por pequena dose de medicamento ela será sobrepujada pela energia aumentada da força vital e logo desaparece espontaneamente, deixando o organismo livre de toda e qualquer doença, isto é, sadio e permanentemente curado.

149 Logo que o medicamento homeopático tenha sido selecionado e corretamente empregado, a doença aguda declina imperceptivelmente. Levará algumas horas, caso a doença seja de recente instalação. Todos os vestígios de indisposição e todos os vestígios de doença artificial desaparecerão, restaurando-se rápida e suavemente a saúde, mesmo que a doença tenha sido grave e os sofrimentos intensos. Doenças de longa duração exigirão tempos proporcionalmente mais longos. De modo especial as doenças iatrogênicas crônicas, juntamente com o fato da doença natural permanecer não curada, requer muito mais tempo na recuperação. Muitas vezes tais casos se tornam incuráveis em consequência dos procedimentos anteriores contra a saúde.

Observação: iatrogênica é a doença que surge em consequência da intervenção médica ou em consequência do uso de medicamentos químicos.

150 Havendo queixas de sintomas triviais, observados somente há algum tempo antes, não se deve encarar isso como necessidade de intenso cuidado. A correção na dieta e no regime será o suficiente e removerá tal indisposição.

151 Se o adoecido apenas relatar poucos mas intensos sofrimentos (a) o homeopata deve descobrir outros sintomas associados de modo a ter o quadro mais completo do adoecimento.

152 Quanto pior for a doença aguda, mais numerosos e mais acentuados serão os sintomas. Havendo muitos sintomas, maior a certeza de se achar o remédio adequado.

153 É feita a comparação entre os sintomas coletivos da doença natural e o quadro de sintomas de medicamentos conhecidos. Os sintomas que devem ser observados são os mais raros, mais incomuns e mais peculiares. O medicamento mais indicado será aquele que atenda esse sintomas. Sintomas mais gerais e indefinidos como perda de apetite, dor de cabeça, fraqueza, sono agitado, desconforto, etc. não contribuem na escolha do medicamento porque são observados em quase todas as doenças e na ação de quase todas as drogas.

154 Se o quadro artificial do medicamento incluir aqueles sintomas peculiares, incomuns, raros e perturbadores presentes na doença e que sejam em grande número e na maior semelhança possível, então esse medicamento será adequado. Caso não tenha se instalado há muito tempo a doença será removida e extinta geralmente na primeira dose e sem provocar muitos distúrbios.

155 Quando se emprega o medicamento homeopático adequado, serão considerados somente os sintomas do medicamento que correspondem aos

sintomas da doença. Os sintomas produzidos pelo medicamento ocupam o lugar dos sintomas mais fracos no organismo, sobrepujando-os. Os outros sintomas típicos do medicamento homeopático, que podem ser muito numerosos, não são chamados à ação, não sendo de modo algum aplicáveis ao caso da doença. O paciente ficando cada vez melhor não sentirá os outros sintomas do medicamento, já que as doses excessivamente diminutas utilizadas no tratamento homeopático são fracas. O medicamento homeopático age somente sobre aquelas partes do organismo que já se encontram mais irritadas e excitadas. Reproduzindo os sintomas de doença originados por essas partes e desse modo mudando a doença da força vital para a doença medicamentosa, semelhante e mais forte, extingue-se a doença original.

156 O medicamento certo poderá produzir no organismo muito sensível e irritável, especialmente quando dado em dose insuficiente e baixa, alguns novos sintomas no decorrer de sua ação. É quase impossível que o medicamento e a doença possam se sobrepor sintomaticamente, exatamente como sucede com dois triângulos com lados e ângulos iguais. A diferença não significativa será facilmente controlada pela energia do organismo vivo, não sendo perceptível exceto nos pacientes excessivamente sensíveis. A restauração prosseguirá até a recuperação perfeita desde que não seja prejudicada pela ação de medicamentos heterogêneos, por erros de regime ou por excitação de paixões.

157 O medicamento homeopático causa geralmente discreta piora imediatamente após sua ingestão e que dura de uma a algumas horas. Esta ação do remédio é tão semelhante à doença original que parece que o organismo piorou. Quando a dose for excessiva, o agravamento poderá durar mais tempo. O agravamento é a doença extremamente semelhante e que excede a afecção original.

158 O agravamento homeopático suave, observado durante as primeiras horas, é ótimo indício de que a doença aguda cederá provavelmente à primeira dose. Isto é exatamente o que deverá acontecer pois a doença artificial deve ser sempre um pouco mais forte do que a enfermidade. Ocorre o mesmo quando a doença natural remove e aniquila outra doença semelhante a ela, somente por ser mais forte (vide parágrafo 43-48).

159 Quanto menor for a dose do medicamento homeopático mais leve o agravamento.

160 O medicamento não poderá ser dado na dose insuficiente.

161 No caso de doenças agudas de instalação recente, o agravamento homeopático se limita à primeira ou primeiras horas. Esta piora representa efetivamente a ação primária do medicamento. Quando se empregam nas doenças crônicas medicamentos de ação duradoura, não deve surgir agravamento caso o medicamento cuidadosamente escolhido for dado na dose adequada (vide parágrafo 247). Agravamentos podem surgir no final do tratamento quando a cura já estiver quase concluída.

162 Acontece por vezes que somente uma parte dos sintomas das doenças consta do quadro de sintomas artificiais do medicamento mais adequado. Esse medicamento imperfeito deverá ser utilizado na falta de algum com maior semelhança.

163 Durante o uso do medicamento com menor semelhança poderão aparecer sintomas não previamente observados. São os chamados sintomas acessórios do medicamento. Isso não impede que a maior parte da doença seja removida. Os sintomas da doença que se assemelham aos provocados pelo medicamento desaparecem, estabelecendo-se o início da cura. Os

sintomas acessórios serão geralmente moderados, sempre que a dose do medicamento for suficientemente baixa.

164 O menor número de sintomas do medicamento não constitui obstáculo à cura. Mesmo quando esses poucos sintomas forem inusitados e diferentes da doença, verifica-se a cura sem transtornos.

165 Se entre os sintomas artificiais não existe algum que se assemelhe aos sintomas característicos, peculiares e incomuns do caso e o medicamento corresponde apenas aos estados gerais vagos e indefinidos da doença (náusea, fraqueza, dor de cabeça, etc) não é esperado qualquer efeito favorável.

166 Tal fato é improvável, devido ao número crescente de medicamentos disponíveis. Quando no entanto isso ocorrer, os efeitos adversos são diminuídos e poderá ser selecionado a seguir outro medicamento de maior semelhança.

167 Quando surgirem efeitos acessórios de certa importância no tratamento de enfermidade aguda investigar o novo estado patológico e acrescentar o restante dos sintomas originais aos surgidos recentemente (acessórios) traçando-se então novo quadro da doença.

168 Tentar descobrir o medicamento análogo em sintomatologia ao novo estado. A dose única deste medicamento análogo, mesmo que não elimine completamente a doença, causará grande passo em direção à cura. Se ainda esse medicamento não for suficiente, examinar mais uma vez a condição que ainda persiste. Selecionar o medicamento tão adequado quanto possível e ir em frente até que seja alcançado o objetivo.

169 Na primeira avaliação de qualquer doença a totalidade dos sintomas pode não ser coberta por um único medicamento. Dois medicamentos podem se completar e se adequarem. Quando isso acontece o mais adequado dos medicamentos é usado em primeiro lugar. Não é prudente passar ao segundo sem reavaliar o quadro. O medicamento considerado segunda opção poderá não ser adequado aos sintomas que restam após o uso do primeiro. Outro medicamento adequado deverá ser selecionado considerando-se o novo conjunto de sintomas.

170 Em todos os quadros que ocorreram mudanças deve-se selecionar novo medicamento visando combater os sintomas restantes.

171 Nas doenças crônicas originárias da psora tem-se muitas vezes que ministrar vários medicamentos antipsóricos, sucessivamente. Cada medicamento é escolhido adequando-se ao grupo de sintomas que restam após a medicação anterior

172 Quando a sintomatologia da doença é muito escassa deve-se ter cuidadosa atenção.

173 Os quadros com poucos sintomas são mais difíceis de curar e são denominados face única. Um ou dois sintomas principais obscurecem quase que todos os outros. Esses quadros são considerados crônicos.

174 O sintoma principal poderá ser interno, como dor de cabeça duradoura ou diarreia. Ou externo por isso considerado enfermidade local. Os quadros denominados face única interna podem ser consequência da falta de observação.

175 Apenas pela falta de atenção do observador é que não se consegue completar o perfil da doença.

176 Existem contudo doenças com apenas um ou dois sintomas graves e violentos. Os outros sintomas são imperceptíveis, mesmo após cuidadoso exame prévio.

177 Nestes quadros deve-se selecionar o medicamento mais indicado, guiado apenas por esses poucos sintomas.

178 Se os poucos sintomas forem muito chocantes, bem delineados, incomuns e muito peculiares, o medicamento provocará a doença artificial.

179 O medicamento será parcialmente adequado quando houver escassez de sintomas.

180 O medicamento portanto será imperfeito. Sua ação causará sintomas acessórios. Vários sintomas se adicionam ao quadro de saúde. Serão no entanto sintomas da própria doença, se bem que raramente percebidos. Surgem alguns sintomas que o paciente não sentiu nunca anteriormente. Os outros que ele percebia de modo impreciso se tornam mais pronunciados.

181 Os sintomas acessórios e os novos sintomas dessa doença, devem ser imputados ao medicamento que se acabou de empregar. Eles devem sua origem certamente ao medicamento mas nunca deixam de ser sintomas da mesma natureza da própria doença. Os sintomas foram convocados e induzidos a aparecer devido à capacidade do medicamento de produzir sintomas similares. Numa só palavra, devemos considerar o conjunto de sintomas percebidos como pertinentes à própria enfermidade e em seguida proceder normalmente como homeopata.

182 A seleção imperfeita do medicamento por causa de poucos sintomas provoca outros sintomas da doença e dessa maneira permite a descoberta do segundo e mais adequado medicamento.

183 Quando a dose do primeiro medicamento cessar de exercer seu efeito benéfico deve-se efetuar novo exame. Selecionar o segundo medicamento de acordo com o estado atual. O quadro estará maior e mais completo, possibilitando se descobrir o medicamento mais adequado.

184 Após cada medicação, o quadro que ainda resta deve ser remontado com os sintomas restantes e procurar novo medicamento.

185 Dentre os quadros denominados “face única” destacam-se as enfermidades locais que são alterações nas partes externas do corpo. O conceito predominante que somente as partes externas estariam afetadas, tem levado ao mais desastroso tratamento.

186 As doenças locais surgidas recentemente, unicamente por lesão externa, parecem merecer o nome de “doenças locais verdadeiras” e a lesão deverá ser muito leve sem grandes repercussões. Nas doenças vindas do exterior, todo o organismo vivo se sincroniza. A cura só se verificará pela intervenção da força vital.

187 As doenças das partes externas do corpo e que não são consequência de nenhuma agressão externa, ou causadas por pequenos ferimentos, são produzidas de maneira totalmente diferente. Sua causa reside em alguma doença interna. Trata-las como se fossem meras afecções locais com aplicações superficiais é absurdo e pernicioso.

188 Essas doenças são consideradas de natureza superficial e denominadas doenças locais. São encaradas como doenças das partes particularmente visíveis das quais o resto do organismo nada sabe. É este um dos inúmeros erros na terapêutica convencional.

189 Na ausência de qualquer lesão importante proveniente do exterior, nenhuma doença externa poderá surgir, persistir ou ampliar-se a menos que haja causa interna. Todo o organismo deverá estar implicado na causa, estando portanto em estado de doença. A moléstia externa não poderá ter aparecido sem a participação da força vital. É inconcebível admitir-se a produção de tal enfermidade sem a participação de toda a vida, de todas as partes do organismo interligadas formando um conjunto de sensações e funções. Nenhuma erupção nos lábios, nenhum sintoma de qualquer dedo pode ocorrer sem o concurso prévio e simultâneo do estado de saúde desequilibrado.

190 O tratamento das doenças das partes externas do organismo e que surgiram com mínima ou nula lesão vinda do exterior deve ser dirigido a todo o organismo. O tratamento deve visar a cura geral por meio de medicamentos com efeitos internos

191 Quando se escolhe algum medicamento interno obtém-se a saúde de todo o organismo. Há desaparecimento da moléstia externa sem necessidade de qualquer tratamento externo. Logo após a ingestão desse medicamento de ação interna produzem-se importantes alterações no estado geral de saúde do paciente, em especial nas partes externas afetadas.

192 A cura da doença local das partes externas se efetua mais facilmente quando se consegue anotar todas as alterações do organismo delineando-se o quadro completo da doença. A investigação inclui a afecção local, todas as alterações observadas no paciente, o que permitirá a identificação do medicamento que corresponda à totalidade dos sintomas.

193 A primeira dose do medicamento tomado internamente poderá curar quando as condições patológicas forem de origem recente. As doenças locais dependem da enfermidade de todo o organismo. Devem ser consideradas inseparáveis, sendo a doença local encarada como um dos sintomas mais evidentes da doença global.

194 Não é útil aplicar medicamento externamente na doença local. Tal regra se aplica aos casos agudos ou crônicos. Nem mesmo o medicamento homeopático correto deverá ser aplicado externamente, deverá ser dado só internamente. Caso não ceda completamente, então o processo estará sendo produzido pela psora. A psora foi mantida até então latente no interior e agora surge podendo se tornar doença crônica física.

195 Deve-se neste caso, logo após o desaparecimento do estado agudo, usar o antipsórico pertinente aos sintomas que ainda permanecem, assim como do quadro anterior. O tratamento antipsórico interno é tudo o que é necessário no caso de doenças locais crônicas, a não ser que o processo seja obviamente de natureza venérea.

196 A cura de doenças locais pode até ser mais rápida com o medicamento homeopático aplicado no local porém associado simultaneamente à medicação interna.

197 A aplicação do medicamento homeopático apenas no local é inadmissível. A aplicação local de algum medicamento sobre o principal sintoma terminará por aniquilar a doença local antes da interna. O desaparecimento prematuro dos sintomas locais impossibilita determinar se a doença geral já foi também curada pelo uso do medicamento interno.

198 É inadmissível empregar-se medicamentos poderosos externamente visando sintomas locais de doença miasmática. A remoção dos principais sintomas da doença local deixa apenas os menos evidenciáveis destinados ao medicamento homeopático. Tal procedimento é dubiamente obscuro. Os sintomas que restarem não serão suficientemente característicos do quadro da doença. É preciso considerar os sintomas internos.

199 Se o sintoma principal for removido, ficará mais difícil a determinação do medicamento mais adequado. Será difícil a cura completa devido ao aparecimento inconstante e indefinido dos sintomas restantes.

200 Se o sintoma externo principal ainda estiver presente de modo a orientar o tratamento interno da doença, a persistência da afecção local será a evidência de que a cura ainda não se completou. Quando a afecção local estiver perfeitamente curada, porém internamente na origem, isso será a prova convincente de que a doença já está totalmente erradicada. Será a prova de que a cura de toda a doença já se completou inteiramente.

201 A força vital, quando afetada por alguma doença crônica desenvolve alguma afecção local externa. Formando e mantendo esta parte externa em estado patológico silencia-se a doença interna. Alguma parte indispensável à vida humana suportará o processo, salvando os órgãos vitais. A presença da enfermidade local silencia a doença interna, não sendo no entanto capaz de curá-la e de materialmente diminuí-la. A doença local nunca deixará de ser

parte da doença geral. É uma parte do quadro da doença que é aumentada pela força vital do organismo numa única direção, sendo transferida a alguma parte externa menos perigosa do corpo, de modo a acalmar a doença interna. O desenvolvimento de algum sintoma local externo não ajuda a força vital em sua busca da cura global somente por ter silenciado o processo interno. Muito pelo contrário, a doença interna continuará aumentando, sendo a natureza compelida a aumentar e agravar os sintomas locais de modo a que ainda funcionem como substitutos suficientes da doença interna em expansão.

202 Se o sintoma local for destruído pela aplicação de terapias externas supressoras a natureza compensará sua perda aumentando a doença interna. Quando isso ocorre a enfermidade local foi reconduzida ao interior do sistema pela ação dos remédios externos. Isto não é correto. Remover da superfície do organismo as manifestações da doença miasmática interna, deixando o miasma sem ser curado, é a maneira mais fácil de se gerar doenças crônicas.

203 O tratamento externo remove os sintomas locais sem curar a doença interna e é pernicioso sendo a maior fonte dos padecimentos crônicos conhecidos e desconhecidos da humanidade. É prática criminosa.

204 Desconsiderando as doenças crônicas devidas ao modo de viver insalubre e aquelas causadas por tratamentos convencionais, todas as doenças restantes são o resultado do desenvolvimento de três miasmas. A sífilis interna, a sicose interna e em primeiro lugar a infinitamente maior, a psora interna. Antes do aparecimento do sintoma local primário vicariante o miasma já estava de posse de todo o organismo onde penetrou em todas as direções. A doença crônica miasmática tende inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, a se desenvolver e a se espalhar. Exceto se surgir alguma manifestação local externa do miasma. Toda a inominável miséria, todas as doenças crônicas que têm flagelado a humanidade por centenas e milhares de

anos, têm sido propagadas por doenças miasmáticas. A frequência das enfermidades crônicas será reduzida se houver tratamento homeopático preventivo.

205 Não se deve tratar os sintomas principais ou secundários de algum miasma por qualquer método que atue localmente. Primeiro deve-se curar o grande miasma do qual dependem tais sintomas. Geralmente os sintomas principais já foram destruídos pelos medicamentos convencionais externos. Geralmente se está lidando com enfermidades resultantes da erupção do miasma subjacente. Em relação às doenças crônicas esse miasma subjacente é geralmente a psora.

206 Antes do tratamento de doenças crônicas verificar criteriosamente se o doente teve contágio venéreo. Se houve contágio dirigir o tratamento desta doença primeiro. A psora pode ter se complexado com a doença venérea, portanto tratar as duas.

207 Além de verificar se houve contágios venéreos o homeopata deve investigar quais tratamentos alopáticos foram feitos e com qual frequência. Inclusive banhos minerais.

208 Saber a idade do paciente, seu modo de vida, sua dieta, sua ocupação, sua condição doméstica, suas relações sociais, e saber o quanto isso favorecerá ou dificultará o tratamento. Analogamente, deve-se avaliar seu estado mental. Deve-se saber se o estado mental é obstáculo ao tratamento. A disposição do paciente deverá ser dirigida, encorajada ou modificada.

209 Após repetidas entrevistas, traçar o quadro da doença o mais completo possível. As orientações fornecidas nos parágrafos 84-99 devem ser utilizadas a fim de elucidar os sintomas mais chocantes e característicos.

210 Quase todas os quadros denominados “face única” tem origem psórica. São mais difíceis de curar porque seus outros sintomas desaparecem frente ao grandioso e único sinal proeminente. As doenças mentais são desse gênero. As doenças mentais não constituem categoria de doenças nitidamente separadas de todas as outras. Nas doenças físicas há sempre alteração da disposição e da mente. Em todos os casos de doença deve-se anotar o estado de disposição do paciente juntamente com a totalidade de seus sintomas, a fim de que seja cuidadosamente delineado o quadro da doença permitindo a seleção do melhor medicamento homeopático.

211 O estado de ânimo do paciente geralmente fornece o sintoma mais característico, justamente o que não poderá nunca ficar escondido.

212 Todas substâncias medicinais poderosas alteram o estado de ânimo e o estado mental do indivíduo sadio que está sendo testado.

213 Deve-se selecionar o medicamento homeopático correto observando as mudanças no estado de ânimo e na disposição. Selecionar a força-doença capaz de produzir o estado análogo. O *Aconitum* não é capaz de curar organismos com disposição quieta e calma. *Nux vomica* é inútil nas pessoas com disposição suave e fleugmática. A *Pulsatilla* não ajuda o organismo feliz, alegre e obstinado. *Ignatia* não é adequada aos organismos imperturbáveis, sem medos ou irritações.

Observação: fleugmático é o comportamento calmo/tranquilo.

214 As doenças mentais deverão ser curadas da mesma maneira que as demais doenças, mediante o uso do medicamento que promova no corpo e na mente o estado patogenésico tão semelhante quanto possível ao caso patológico.

215 As doenças mentais são doenças físicas, nas quais os sintomas mentais aumentam e os físicos declinam até que a doença se torne face única, tal como se fosse processo local na mente.

216 Ocorrem casos nos quais as alterações nos órgãos físicos são transferidas. O cirurgião jamais alcançará a mente com seu bisturi. Em tais casos a presença obscura da doença física somente poderá ser detectada pela capacidade de observação e pela perseverança.

217 Deve-se ter muito cuidado com o conhecimento da totalidade dos sintomas. Tanto os sintomas físicos como os sintomas peculiares da mente. Pode-se então extinguir a doença toda, usando o medicamento que gere sintomas artificiais não somente físicos mas principalmente mentais.

218 Descobrir os sintomas físicos anteriores à face única, nos casos de doenças mentais.

219 A comparação dos sintomas anteriores à doença física com os sintomas que restaram revela a presença da doença.

220 Quando a doença mental é crônica preferir o medicamento homeopático antipsótrico que combine com o quadro. Analisar os informes, dados pelos amigos do paciente, sobre a doença anterior, assim como os dados do estado atual do paciente e qualquer outro sintoma físico que possa ser detectado.

221 Quando a insanidade ou mania aparece subitamente, como episódio agudo no paciente até então calmo, não se deve tratar com antipsótricos mas somente com medicamentos indicados àquele estado especial. Poderá ser o *Aconitum*, *Belladonna*, o *Stramônium*, o *Hyoscyamus*, o *Mercurius*. Medo,

irritação, álcool, etc. poderão ter precipitado a erupção à partir da psora interna. O medicamento correto quando altamente potencializado subjugará essa erupção e a psora retornará então à sua condição latente, na qual o paciente aparenta estar bem.

222 O doente após se recuperar da enfermidade mental aguda, com o uso de medicamento não antipsóricos, não deverá ser considerado curado. Deve-se livrá-lo rapidamente da psora. Completada a cura não se deve temer outro ataque.

223 Omitir o tratamento antipsóricos é esperar outro ataque, mais grave e de maior duração. A recorrência terá causa desencadeante mais leve do que aquela que provocou o primeiro ataque. A psora se desenvolverá completamente e o paciente terá alteração mental periódica ou contínua, de cura muito mais difícil pelos antipsóricos.

224 A doença mental pode se originar de doença física ou pode ser o resultado de educação falha, maus costumes, corrupção moral, desleixo, superstição ou ignorância. Bom e amigáveis conselhos, argumentos de consolação, e sérias admoestações melhorarão a condição mental se a sua alteração não for de origem física. Quando a doença mental for devida a doença física, os conselhos rapidamente agravarão o estado fazendo com que o paciente deprimido se torne mais abatido, queixoso, inconsolável e reservado. O maníaco malvado se tornará mais exasperado e o tolo tagarela se manifestará mais tolo.

225 Existem doenças mentais que são causadas por doenças físicas. Existem no entanto moléstias orgânicas causadas pela persistência de ansiedades, aborrecimentos, irritações, injustiças e medos ou mágoas. Esse tipo de mal-estar mental em pouco tempo destruirá a saúde física.

226 As doenças mentais datadas de pouco tempo que não afetaram muito podem ser reparadas pelo aconselhamento, pela dieta e demonstrações de confiança.

227 A fragilidade subjacente em todos esses casos decorre do miasma psórico. Por motivo de segurança, o doente aparentemente curado deverá ser submetido ao tratamento antipsórico radical a fim de evitar esse estado de doença mental.

228 Nos casos de doenças mentais resultantes de doenças físicas, o único tratamento é o homeopático antipsórico, associado a vida cuidadosamente regulada.

229 Contradições, invenções, rudeza, ansiedade são procedimentos danosos no manejo do doente mental. Somente recuperando a saúde é que haverá o bom estado mental.

230 O estado mental constitui o principal sintoma do indivíduo psicamente insano, por isso o medicamento homeopático é facilmente descoberto em função dos sintomas mentais.

231 Dar atenção às doenças intermitentes como febres, afecções sem febre, estados mórbidos que se alternam com outros estados de tipo diferente.

232 Doenças alternantes são muito comuns sendo geralmente manifestação da própria psora. Podem entretanto indicar alguma complicação com o miasma sífilítico. Sempre que o miasma sífilítico estiver presente deverá ser tratado. A melancolia alternando-se com insanidade alegre é o exemplo típico da doença onde os estados alternantes são opostos entre si.

233 Na enfermidade intermitente típica a condição mórbida de caráter imutável retorna em intervalos razoavelmente fixos. Entre cada ataque o paciente aparenta bom estado de saúde.

234 A doença típica de recorrência periódica está no grupo das enfermidades crônicas. Em geral são puramente psóricas e raramente complicadas pelo miasma sifilítico. É necessário empregar como medicamento mediador casca da Chinchona a fim de extinguir esse tipo intermitente de moléstia.

235 Nas febres intermitentes se alternam dois estados opostos (frio e calor). Às vezes são três estados (frio, calor, transpiração). O medicamento a ser indicado não deve ser do tipo anti-psórico. O medicamento recomendado tem que ter na patogenesia os três estados alternantes semelhantes. São os sintomas que acontecem no intervalo (em que não há febre) os mais importantes na escolha do medicamento.

236 No tratamento das febres intermitentes o medicamento homeopático correto será mais adequadamente administrado ao término de alguma crise, quando o paciente já tiver se recuperado de seus efeitos. Se o medicamento apropriado for dado logo antes de alguma crise, sua ação coincidirá com a recorrência natural da doença causando reação no organismo com grande perda de forças. Quando se inicia a fase apirética e até a próxima crise, a força vital estará na melhor condição possível permitindo ser alterada suavemente pelo medicamento. A força vital será restaurada dessa maneira.

237 Se a fase apirética da enfermidade for muito curta e o paciente ainda estiver perturbado pelos padecimentos conseqüentes do último ataque, o medicamento deverá ser dado logo que a perspiração começar a ceder.

Observação: apirética é a fase em que não há manifestação de febre; perspiração é transpirar em toda a superfície.

238 Se após a cura da malária volta a ter novo ataque, só será possível obter-se a cura permanente pela remoção da causa desencadeadora. O paciente deverá mudar-se da região pantanosa até as montanhas. Uma dose única do medicamento certo curará o ataque de malária. A dose não deverá ser repetida a menos que surja novo ataque e o mesmo medicamento só poderá ser usado de novo se a totalidade dos sintomas tiver permanecido.

239 A maioria dos medicamentos tem a patogenesia de febre inclusive intermitente.

240 Se o medicamento correto não curar perfeitamente e não for o pântano que esteja evitando a cura, deverá haver sempre algum miasma psórico na retaguarda. Em tal caso devem ser empregados medicamentos antipsóricos até que se obtenha completo alívio.

241 Na epidemia a totalidade dos sintomas é comum a todos os adoecidos. O caráter peculiar uniforme da doença poderá levar a descoberta do medicamento homeopático específico da epidemia.

242 Se na epidemia o paciente não for tratado prontamente ou receber medicamento alopático inadequado, a psora inerente se desenvolverá. O medicamento específico de tal epidemia não será mais adequado e o paciente necessitará de *Sulphur* ou *Hepar sulphur* raramente repetidos de grande potência a fim de sobrepujar a psora.

243 Nos casos de febre intermitente, em pessoas que vivem longe de áreas pantanosas, escolher o medicamento mais propício ao tipo da febre. Não surtindo efeito usar antipsóricos.

244 As febres, em regiões pantanosas, devem ser prevenidas pelas pessoas que lá forem viver tomando antes duas doses de “Casca de Quina” homeopatizadas. Não havendo efeito usar algum antipsórico. Sem este tipo de medicamento jamais terão saúde.

245 Após constatar as diferenças entre as doenças deve-se atentar ao modo de usar os medicamentos.

246 Toda e qualquer melhora perceptível sinaliza que não se deve repetir o medicamento homeopático porque a ação benéfica exercida pelo medicamento está se completando. É o que acontece geralmente com as doenças agudas. Porém nas doenças mais crônicas uma dose única poderá agir muito lentamente necessitando até de uma centena até terminar sua tarefa. Visando o menor tempo de tratamento: 1º) o medicamento deverá ser selecionado de modo a ser o mais semelhante; 2º) o medicamento será dado em potência alta dissolvida em água, sendo repetido em intervalos visando cura mais rápida; 3º) o número de doses deverá, no entanto, diferir das precedentes e subsequentes. Dessa maneira alguns medicamentos cuidadosamente selecionados poderão ser dados diariamente por vários meses. As menores potências serão ministradas durante uma a duas semanas. Em seguida passar às potências mais altas.

247 Ao repetir o medicamento mudar a dose. A força vital será compelida a reagir às repetidas doses inalteradas porque a dose anterior provocou mudança. A segunda dose dinamicamente similar à primeira, do mesmo medicamento, não encontra mais a força vital em seu estado original. Outros

sintomas do medicamento serão manifestados e o paciente adoecerá de modo diferente. Ficará mais doente do que já estava. Se as doses subsequentes forem ligeiramente alteradas cada vez, dando-se potências maiores, a cura será em menor tempo. Parece que o medicamento homeopático age melhor em casos crônicos de doenças se for aplicado em várias potências crescentes.

248 A dose poderá ser alterada por aumento de potência e então a cada administração ser modificada por succussões adicionais. Dessa maneira o medicamento homeopático corretamente escolhido poderá ser repetido diariamente durante meses em casos de doenças crônicas. Se a sintomatologia da doença se alterar, com queixa jamais manifestada pelo paciente, deve-se então selecionar outro medicamento homeopático e administrá-lo da mesma maneira. Se, no entanto o paciente agravar deverá ser dada em intervalos mais longos, e possivelmente ser interrompido por vários dias. Os sintomas aparentemente causados pelo excesso do medicamento homeopático logo desaparecerão deixando inalterada a saúde.

249 Qualquer medicamento que durante sua ação produz sintomas novos e perturbadores, não pertinentes à doença, não será capaz de efetuar verdadeira cura. Tal medicamento não terá sido corretamente selecionado. Se esses sintomas novos forem demasiadamente graves, deve-se ministrar algum antídoto. Se não forem muito violentos, o medicamento adequado poderá ser dado imediatamente. Antidotar é freqüente entre os homeopatas desatentos.

250 Em casos urgentes, quando houve má seleção do medicamento, e o paciente está piorando, corrigir o erro administrando o medicamento correto (vide parágrafo 167).

251 Existem alguns medicamentos entre os quais *Ignatia*, *Bryonia*, *Rhus* e por vezes *Belladonna*, cujo poder de alterar a saúde consiste de ações

alternativas. Eles desenvolvem ações primárias que são em parte opostas entre si. Caso não haja melhora após a administração desses medicamentos é recomendada a repetição.

252 Quando o medicamento homeopático selecionado da melhor maneira possível não conseguir promover melhora, isto é sinal seguro da existência de alguma circunstância no modo de vida do paciente ou na situação em que foi colocado, que deve ser removida a fim de que haja a cura permanente.

253 A melhora mais tênue no estado do paciente, especialmente em casos de moléstias agudas, é mais comum no estado mental e no comportamento global do paciente. São indicações de melhora: o sentir conforto, aumento da calma, a liberdade da mente, contentamento e algum retorno ao estado natural. Do mesmo modo, a disposição reprimida, desamparada, lamentável, manifestada no comportamento, gestos, e ações do paciente são evidentes indicações da piora.

254 Pacientes incapazes de informar sobre sua situação ou que recusam-se a confessar seu estado revelam seu nível de agravamento.

255 Quando o paciente não quer confessar a melhora repassar todos os sintomas anotados e verificar se surgiram novos sintomas e se nenhum dos antigos piorou. Se já foi notada qualquer melhora na disposição do paciente, isso indica que o medicamento deve ter reduzido a doença. Se a melhora demora a aparecer, deve ter havido algum erro de conduta do paciente ou existe outro fator interferindo.

256 Se o paciente mencionar a ocorrência de sintomas recentes importantes ou algum novo, isso é indicativo de que o medicamento não foi corretamente escolhido. Mesmo que o paciente alegremente informe que se sente melhor,

não acreditar na afirmação. Seu estado está se agravando e isso logo ficará perfeitamente evidente.

257 O (a) homeopata não deve ter medicamentos favoritos nem preconceitos mesquinhos.

258 O (a) homeopata não deve esquecer de usar os medicamentos que anteriormente causaram efeito negativo.

259 Devido às doses diminutas do tratamento homeopático pode-se facilmente compreender a necessidade que existe de se remover da dieta e do regime do paciente, durante o tratamento, tudo o que cause qualquer ação medicinal. O medicamento homeopático poderá ser sobrepujado e extinto ou perturbado por qualquer medicamento estranho.

260 Nos casos de doenças crônicas deve-se investigar sobre possíveis obstáculos à cura. As doenças crônicas são geralmente agravadas por drogas prejudiciais e por outros erros na dieta. Esses obstáculos não se percebe a menos que sejam procurados. Devem ser evitados pelo paciente, café, chá da Índia, chás de ervas, cervejas (preparadas com substâncias medicinais e vegetais) licores finos (preparados com especiarias medicinais) todos os tipos de ponches, chocolates com especiarias, perfumes, flores de aroma acentuado, pós dentais, pratos muito condimentados, molhos, bolos de especiarias, sorvetes, sopas de vegetais medicinais, ervas, raízes ou caules de plantas medicinais, aspargos, lúpulo, aipo, cebolas, queijos curtidos, carnes fortes, banha de porco, pato, ganso e vitela muito jovem. O paciente deverá evitar excessos no comer (ao usar açúcar e sal) aguardentes não diluídas em água, quartos aquecidos, roupas de lã em contacto com a pele, vida sedentária (em apartamentos confinados) exercícios passivos, amamentação prolongada, dormir muito tempo durante o dia, sentar-se por muito tempo à noite, sujeira,

libertinagem, ler livros obscenos e ler deitado. O paciente evitará a masturbação, o coito interrompido com a finalidade de evitar a concepção, assuntos que despertem ódio, tristeza, irritação, a paixão pelo jogo, exaustão da mente e do corpo (especialmente depois das refeições) e vida miserável.

261 O melhor regime a ser seguido durante o emprego de medicamentos homeopáticos consiste na remoção de todos os obstáculos à recuperação (supra-mencionados) substituindo-os por recreações inocentes e por exercícios ativos ao ar livre, com qualquer condição de tempo.

262 Nas doenças agudas, por outro lado, o infalível senso da força vital despertada determinará clara e precisamente o regime mais adequado. Com exceção dos casos de crise psicótica, é aconselhado aos amigos do paciente a não recusarem nada que ele solicite com insistência no referente à alimentação e a não deixarem que ele participe do que seja perigoso.

263 Nas doenças agudas os desejos do paciente quanto a comer e beber dão alívio paliativo. Os desejos suprem apenas a vontade, não são de caráter curativo. O pequeno obstáculo que a gratificação desses desejos poderia se opor à cura radical da doença será amplamente contrabalançado pelo poder da força vital liberada. O alívio após qualquer coisa ardentemente desejada suplanta qualquer desvantagem. A temperatura do quarto e o aquecimento ou o refrescamento do leito deverão também estar de acordo com a vontade do paciente. Ele deverá ser mantido afastado de qualquer fadiga mental e de emoções fortes.

264 O homeopata deverá estar apto a julgar por si próprio a autenticidade de seus medicamentos.

265 O homeopata deve estar convencido que seu paciente está sempre recebendo o medicamento correto. Dar ao paciente o medicamento certo. O preparado homeopático deve ser elaborado pelo próprio homeopata.

266 As substâncias dos reinos animal e vegetal tem melhor qualidade no estado original. Mesmo o suco de qualquer planta poderosa se torna quase inativo após tempo prolongado.

267 O suco obtido recentemente da planta fresca deve ser imediatamente ministrado em partes iguais com bebida de vinho. Após ficar um dia e uma noite em garrafa bem fechada, já estando depositadas as substâncias fibrosas e albuminosas, decanta-se o sobrenadante claro, que será usado como medicinal. Retém-se dessa forma, para sempre perfeito e inalterado, todo o poder medicinal do suco vegetal. Conservar em garrafas bem arrolhadas e seladas com cera visando prevenir a evaporação. Devem ficar ao abrigo da luz.

268 O homeopata prático jamais deve confiar cegamente nas plantas que ele próprio não coletou ou nas cascas/sementes/raízes em pó. Essas fontes de medicamentos que não podem ser obtidas no estado fresco devem ser examinadas em seu estado fresco integral visando certificar sua autenticidade.

269 O sistema homeopático adota a ação mecânica sobre as minúsculas partículas das substâncias mediante fricção (trituração) e agitação (sucussão) com substância inerte. Ocorre então acentuada alteração na qualidade da substância. Liberta-se o poder curativo de modo que mesmo sendo a substância totalmente inerente será capaz de influenciar a força vital. Potencializar substâncias com propriedades medicinais ocultas, por meio da diluição/sucussão ou trituração espiritualiza a matéria da substância.

270 Submeter parte da substância a três horas de trituração com três vezes cem (3 x 100) grãos de lactose (açúcar de leite) até a milionésima parte em estado de pó.

Observação: neste parágrafo é detalhado o procedimento farmacotécnico que consta da farmacopéia homeopática brasileira.

271 Quando o homeopata prepara o medicamento deve preferir plantas frescas.

Observação: ídem 270.

272 O glóbulo protegido da luz solar e do calor guarda seu poder medicamentoso por muitos anos. O glóbulo seco sob a língua é efetivo porem esmagado com lactose (açúcar de leite e água) depois agitado antes da ingestão é mais forte, estando bom por vários dias.

273 Não é permitido administrar-se mais de uma substância medicinal por vez. Em homeopatia é absolutamente proibido dar duas substâncias medicinais diferentes ao mesmo tempo.

274 É errado adotar processos complicados quando os simples são suficientes. O medicamento simples, corretamente prescrito, é capaz de realizar tudo o que o homeopata possa desejar dele. O medicamento homeopático será ministrado em dose muito pequena (altamente diluída e dinamizada). Quando se torna necessário utilizar grandes quantidades de medicamentos homeopáticos significa que foi escolhida a potência inadequada ou o remédio foi imperfeitamente preparado.

275 É importante escolher o medicamento mais adequado e também a potência. A potência deve provocar a intensidade correta de reação da força vital.

276 A potência excessiva com frequência exagerada pode ser tão prejudicial quanto medicamentos alopáticos.

277 Quanto mais cuidadosa for a seleção do medicamento homeopático, mais eficiente será a cura. Quanto maior a dinamização do medicamento administrado, mais cuidadosa deve ser a escolha. É portanto altamente desejável que a quantidade seja reduzida ao grau ínfimo adequado ao efeito medicamentoso suave.

278 É impossível fixar a dose que será adequada a cada caso individual. Somente a experiência indica qual dose é suficiente à cura homeopática.

279 A experiência mostra sem exceção que o medicamento adequado de correta potência não poderá ser dado em quantidade pequena demais ao se iniciar o tratamento.

280 A potência do medicamento enquanto estiver efetiva e que não gerar sintomas novos deve ser mantida. Aumentar a potência apenas gradualmente até que haja o retorno de sintomas antigos. A potência pode ser aumentada gradativamente mediante sucussões nos intervalos das medicações.

281 A agravação pode ser interrompida suspendendo-se a medicação por 8 a 15 dias assim os sintomas incômodos desaparecerão. Se os sintomas de agravação persistirem então deve-se aumentar a potência. Usar potências mais baixas em organismos mais sensíveis.

282 Será sinal de que as doses foram muito fortes, principalmente nas doenças crônicas, se as primeiras medicações causarem a agravação dos sintomas mórbidos.

283 Procede de acordo com a natureza quando se indica o medicamento homeopatizado porque se for inadequado será rapidamente anulado.

284 Além da língua, da boca, e do estômago, na recepção do medicamento, o nariz e os órgãos respiratórios também são sensíveis mediante olfação. Via pele recomenda-se a fricção, porém, associada à ingestão.

285 Na cura de doenças muito antigas pode ser via fricções externas (costas, braços, pernas) diárias do mesmo medicamento que também é eficaz no uso interno.

286 A força magnética, a força elétrica e a força galvânica (eletroquímica) tem ação sobre o princípio vital assim como os preparados homeopáticos. Há doenças que podem ser curadas por meio dessas forças. Várias doenças com sintomas de irritabilidade, com movimentos musculares ou com sensações anormais podem ser curadas com ajuda dessas forças.

287 Pode ser usado na cura a barra magnética com os pólos norte e sul. As doses são o tempo do polo norte ou do polo sul.

288 A força vital da pessoa bem intencionada sobre a pessoa doente, mesmo a certa distância, afluí dinamicamente agindo por diversas maneiras. A ação da força vital humana se evidencia na reanimação de pessoas. O doador deve estar em bom estado de saúde

289 Todos os tipos de transmissão da força vital se baseiam no afluxo da maior força à menor força.

290 A massagem em pessoas com enfraquecimento deve ser feita por pessoa vigorosa e benévola.

291 Os banhos de água pura são meios de auxílio ao tratamento homeopático de males agudos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, F.M.C. Alterações da vitalidade do solo com o uso de preparados homeopáticos. Universidade Federal de Viçosa, 2004, 362p. (Tese de Doutorado).

AZEVEDO, E. Alimentos Orgânicos. INS Editora Florianópolis, 2000, 200p.

CASALI, V.W.D. Homeopatia: da saúde dos seres vivos à segurança alimentar. IN: Seminário sobre Ciências Básicas em Homeopatia, IV, Lages, SC, 2004, UDESC, Lages-SC, 2004, p. 26-37.

EIZAYAGA, F.C. Tratado de Medicina Homeopática. Ed. Mercel (Buenos Aires), 1992, 399p.

KENT, J.T. Filosofia Homeopática. Ed. Robe, São Paulo, 1996 301p.

LEITE, C.E. Nutrição e Doença. Ed. IBR, São Paulo-SP. 1987, 288p.

MARQUES, A .J. Repensar a Ciência. Ed. Helvetica, Juiz de Fora, 1996, 232p.

MORENO, J.A . (a)- Ciência da Homeopatia. Editora Hipocratica Hahnemanniana, 3ª Ed. Belo Horizonte, 2002 a, 240p.

MORENO, J.A . (b)- Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann, 2º Ed. Editora Hipocratica Hahnemanniana, Belo Horizonte, 2002 b, 435p.

SILVA, W.R.G. Análise parcial do Organon face as necessidades do 3º milênio. IN: Homeopatia, princípios e doutrina II, Coord. Brunini, C. Typus Ed. São Paulo-SP, 1999, p. 39-51.

SILVA, W.R.G. As ultradiluições e as estruturas virtuais quânticas. IN: Seminário sobre Ciências Básicas em Homeopatia, IV, Lages-SC, Anais, UDESC, 2004, p. 62-85.

VIEIRA, C. DE GREGORI, W. Saúde Auto-Conduzida. Editora Ícone, São Paulo-SP, 1990, 174p.

VITHOULKAS, G. Homeopatia: ciência e cura. Cultrix Ed., São Paulo, 1980, 436 p.

APÊNDICE

ÍNDICE

TEMAS	PARÁGRAFOS
Teoria da Homeopatia	9 - 10 a 17
Princípios da Homeopatia	27 – 24; 18 a 24; 25 – 26 –29; 42 a 51; 53; 68; 147; 154; 155; 156; 162 a 168; 107 a 141; 143 a 146
Desequilíbrio e Equilíbrio	30 a 33; 71; 72; 63 a 67; 77; 148; 149; 151; 152; 153; 185 a 193; 212 a 224; 225; 226; 227; 228 a 244; 73; 74; 78 a 82; 173; 194 a 211.
Aplicação da Homeopatia	105; 106; 264; 5; 6; 7; 142; 150; 83 a 104; 169 a 172; 174; 175; 176; 157 a 161; 281; 282; 251; 253; 257; 259; 258; 254; 255; 256 – 260 a 263
Preparo dos Medicamentos	265; 267; 274; 268.
Uso da Homeopatia	284; 285
Alimentos	266
Práticas Alternativas	286; 287; 288; 289; 290; 291

ASSUNTO	PARÁGRAFOS
A (o) Homeopata	1 e 2
A Natureza do Desequilíbrio	3 e 8
Como Pode Ocorrer o Desequilíbrio	9 a 16
A Seleção do Medicamento.....	17 a 21
A Cura (o reequilíbrio)	22 a 29
Como Age os Medicamentos	30 a 34
A Interação das Doenças	35 a 45
O Princípio da Similitude na Cura	46 a 47
Preparados Homeopáticos	51
Uso e Abuso no Tratamento	52 e 53
Medicamentos Alopáticos	60 e 61
O Conceito Integral de Homeopatia	62 a 65
O Conceito de Dose	68 e 69
Tecnologia da Homeopatia	71
Doenças: Agudas/Crônicas/Endêmicas/Epidêmicas	72 e 73
Doenças Iatrogênicas	74 a 77
Doenças Crônicas	78 a 81
O Exame do Organismo	82 a 104
Experimentação	105 a 107
Propriedades dos Medicamentos	108 a 119
Experimentação dos Preparados	120 a 146
Prescrições	147 a 155
Agravamento	157 a 161
O Tratamento	162 a 184
Diagnóstico	185 a 202
Doença Crônica da Humanidade	203 a 207
Doenças Mentais	208 a 230

Doenças Periódicas	232 a 242
Uso dos Medicamentos	246 a 256
Obstáculos à Cura (Reequilíbrio).....	259 a 263
Preparo de Medicamentos	264 a 269
Doses	273 a 279
Outras Práticas.....	280 a 291

INDICE GERAL

Introdução	1 a 4
Teoria da Homeopatia	5 a 70
Filosofia	5 a 24
Ciência da Homeopatia	25 a 70
Prática da Homeopatia	71 a 279
Outras Práticas	280 a 291